

**PONTIFÍCIA UNIVERSIDADE CATÓLICA DE GOIÁS (PUC/GO)  
PRÓ-REITORIA DE PÓS-GRADUAÇÃO E PESQUISA  
ESCOLA DE FORMAÇÃO DE PROFESSORES E HUMANIDADES (EFPH)  
PROGRAMA *STRICTO SENSU* EM CIÊNCIAS DA RELIGIÃO (MESTRADO)**

**MARIA JULIA FERREIRA SAMPAIO**

**EU TE ALMO: MÍSTICA E EROTISMO EM TERESA D'ÁVILA**

GOIÂNIA  
2018

**MARIA JULIA FERREIRA SAMPAIO**

**EU TE ALMO: MÍSTICA E EROTISMO EM TERESA D'ÁVILA**

Dissertação apresentada ao Programa de Pós-Graduação *Stricto Sensu* em Ciências da Religião da Pontifícia Universidade Católica de Goiás, como condição à obtenção do título de Mestre.

**Área de concentração:** religião, cultura e sociedade.

**Linha de pesquisa:** religião e movimentos sociais.

**Orientadora:** Profa. Dra. Carolina Teles Lemos.

GOIÂNIA  
2018

S162e

Sampaio, Maria Julia Ferreira

Eu te almo: mística e erotismo em Teresa D'Ávila  
[manuscrito]/Maria Julia Ferreira Sampaio.-- 2018.  
91 f.; 30 cm

Texto em português com resumo em inglês  
Dissertação (mestrado) - Pontifícia Universidade Católica  
de Goiás, Programa de Pós-Graduação *Stricto Sensu*  
em Ciências da Religião, Goiânia, 2018  
Inclui referências f.83-91

1. Religião e psicanálise. 2. Religião e erotismo.  
3. Religião e mística. 4. Teresa D'Ávila - subjetividade.  
I.Lemos, Carolina Teles. II.Pontifícia Universidade Católica de Goiás.  
III.Eu te almo: mística e erotismo em Teresa D'Ávila.  
CDU: 28-587.6

## FOLHA DE APROVAÇÃO

**EU TE ALMO: MÍSTICA E EROTISMO EM TERESA D'ÁVILA**

Dissertação de Mestrado do Programa de Pós-Graduação *Stricto Sensu* em Ciências da Religião da Pontifícia Universidade Católica de Goiás, aprovada em 09 de abril de 2018.

### BANCA EXAMINADORA



\_\_\_\_\_  
Prof. Dra. Carolina Teles Lemos / PUC Goiás (Presidente)



\_\_\_\_\_  
Prof. Dr. Eduardo Gusmão de Quadros / PUC Goiás



\_\_\_\_\_  
Prof. Dr. Gilson Xavier de Azevedo / UFG

\_\_\_\_\_  
Prof. Dr. Clóvis Ecco / PUC Goiás (Suplente)

\_\_\_\_\_  
Prof. Dra. Margareth Pereira Arbués / UFG (Suplente)

## **AGRADECIMENTOS**

Aos meus ancestrais.

Aos meus pais que me ensinaram a mística junto com o cotidiano.

Aos meus filhos: os que ficaram na vida e aos que não puderam ficar.

A Fazenda Freudiana que me ensinou a psicanálise.

Ao meu sempre orientador Norton Godinho Leão de quem absorvi uma fonte que bebeu diretamente dos seminários de Lacan.

Ao meu psicanalista Eduardo Verano que me ensinou sobre o amor, porque nada mais é a análise do que isso.

Aos meus amigos de mestrado.

A minha mestra em constelações familiares Dagmar Ramos que me fez entender que a alma está em todos os lugares, basta acessá-la.

Ao professor Luiz Felipe Pondé que me orientou por e-mail todas as vezes em que pedi ajuda, ainda que nunca tenhamos nos conhecido pessoalmente.

A minha orientadora Carolina Teles Lemos por sua compreensão e acolhimento.

Aos professores do mestrado.

A Teresa d'Ávila pela obra poética deixada e a Deus a quem chamo de Vida.

## RESUMO

SAMPAIO, MARIA JULIA FERREIRA. Eu te almo: mística e erotismo em Teresa D'Ávila. Dissertação de Mestrado. (Programa de Pós-Graduação Stricto Sensu em Ciências da Religião) – Pontifícia Universidade Católica de Goiás (PUC/GO), 2018.

Este texto analisa pela abordagem psicanalítica o trabalho de Teresa D'Ávila ou Teresa de Jesus, focalizando especialmente, mas não exclusivamente, no Livro da Vida. No contexto do século XVI, o autor escreveu sobre temas inumeráveis como a oração, a obediência, o trabalho, a missão, a morte, a vida, as doenças, a religião, no entanto, faremos um recorte para falar sobre as categorias do amor, do erotismo e da mística, pela interpretação do viés psicanalítico, especialmente fundada nas teorias de Freud e Lacan, e outros autores estudados no curso da Ciência da Religião. Os temas de erotismo e místico estão na categoria de estudos de linguagem, como um lugar comum em que o misticismo é uma forma de discurso, um casamento sagrado, um segredo escondido entre ambos: Deus e "um outro", em uma experiência extática, um lugar de silêncio, partilha e fusão entre o real, o simbólico e o imaginário.

**Palavras-chave:** Mística. Erotismo. Amor. Linguagem. Gozo.

## ABSTRACT

SAMPAIO, MARIA JULIA FERREIRA. *Eu te almo: mysticism and eroticism in Teresa D'Ávila. Masters dissertation. (Stricto Sensu Post-Graduation Program in Religious Sciences) - Pontifical Catholic University of Goiás (PUC / GO), 2018.*

*This text analyzes by the psychoanalytic approach the work of Teresa D'Ávila or Teresa by Jesus, focusing specially, but not solely, on The Book of Life. In the context of XVI century, the author wrote about innumerable theme like prayer, obedience, work, mission, death, life, diseases, religion, however, we will make a recort to talk about the categories of the love, the erotism and the mystic, by the psychoanalytic bias interpretation, specially founded in the theories of Freud and Lacan, and others authors studied in the course of Science of Religion. The themes erotism and mystic are in the category of language studies, as a commonplace in which mysticism is a form of speech, a sacred marriage, a secret hidden between both: God and "one other", in a extatic experience, a place of silence, sharing and merging between the real, the symbolic and the imaginary.*

**Keywords:** Mystic. Erotism. Love. Language. Come.

Erótica é a Alma

Adélia Prado

## SUMÁRIO

INTRODUÇÃO .....	8
CAPÍTULO 1 - A MÍSTICA .....	10
1.1 Definição.....	10
1.2 A mística feminina e a mulher na Idade Média.....	17
1.3 Outras místicas importantes .....	22
1.4 A Palavra Possuída .....	30
CAPÍTULO 2 - TERESA D'ÁVILA E TERESA DE JESUS .....	36
2.1 Infância e vida adulta.....	36
2.2 Cronologia e Relíquias .....	43
2.3 O sagrado e a mística.....	49
2.4 As e os Carmelitas Descalços hoje .....	55
CAPÍTULO 3 – O EROTISMO.....	59
3.1 O Erotismo e o Amor .....	61
3.2 O Gozo Feminino suporta a face de Deus.....	69
3.3 Erotismo e Mística .....	77
CONSIDERAÇÕES FINAIS .....	82

## INTRODUÇÃO

Minha formação em psicanálise começou junto com a faculdade de psicologia. Entrei para a instituição Fazenda Freudiana de Goiânia onde passei pelo tripé psicanalítico. Esse tripé compreende a formação teórica, o atendimento a pacientes juntamente com a supervisão e a análise pessoal. A Fazenda Freudiana é direcionada para estudo de Freud e Lacan e voltada principalmente à clínica.

Dentro dessa instituição os meus trabalhos anuais sempre se voltaram para o tema do erotismo que sempre me impressionou por ser uma das bases da psicanálise e por sua beleza. Ao entrar nas Ciências da Religião sabia que talvez o retomasse.

Em 2016 fiz a minha formação em Constelações Familiares que tem por fundamento o estudo da biologia, da psicanálise e da filosofia cristã. A formação foi feita durante um ano no convento Caminho de Emaús, e fui sendo incorporada pela mística. Foram muitas horas de escuta, de vivência, meditação, silêncios, contemplação e tanto amor.

Mas a definição do conceito da mística em si veio na banca de qualificação através do alerta do professor doutor Eduardo Gusmão Quadros. Percebi que já falava sobre isso no trabalho, mas não a tinha selecionado enquanto categoria.

O objeto da pesquisa foi nomeado segundo uma frase que Lacan usou em um de seus Seminários, o *Livro 20*, chamado *Mais ainda...* em 1972, em que disse que “o gozo feminino suporta a face de Deus”, sobre os místicos e sobre o gozo que eles descrevem ter junto ao sagrado. Para Lacan (1972, p. 38; 100-113) “o amor faz signo” e “é sempre recíproco”... “eu almo, tu almas, ele alma”, amor, almar, eu te almo, onde a instância da letra atinge a alma através do amor, “No erótico Psiquê e Eros vivem de “substância gozante”, “que é do que é feito o corpo do outro”, “corpo cheio de linguagem que é a causa do gozo”. O amor, o erotismo e o gozo. São temas que atingem profundamente os místicos que ratificam isso em sua linguagem.

Certaeu (2006) em *Fábula Mística (séculos XVI-XVII)* diz que a mística é um modo de falar e faz a separação histórica do que é o místico e de como se dá a tradição mística. Teólogo, historiador e estudioso da psicanálise ele descreve com

excelência a experiência mística dentro da história.

Direcionei-me também a outros autores que já me eram familiares dentro do mestrado, autores que me foram importantes durante o curso como Durkheim (1977), Armstrong (1994) e Fantacussi (2007).

Tomei a escrita de Teresa d'Ávila com o *Livro da Vida* (2010) e outras obras, assim como poesias, pois ela nos deixou muito, e tudo com uma estética belíssima. Muitas vezes usarei esculturas, pinturas, poemas e fotos para exemplificar, visto que a arte se mostra como forma de linguagem mais adequada para retratar o objeto de investigação.

No Capítulo 1 escrevo sobre a Mística, como ela se deu na história do Ocidente, o porquê ela apareceu principalmente no século XV, e o contexto das mulheres na Idade Média e nos séculos XV e XVI, que foi a época em que viveu Teresa.

No Capítulo 2 do trabalho escrevo sobre a vida, a literatura, as crenças e o trabalho de Teresa como monja e seu legado: a Ordem das Carmelitas Descalças.

No Capítulo 3 entro na psicanálise para discutir os temas do amor e do erotismo, os quais estão contidos na mística.

## CAPÍTULO 1 - A MÍSTICA

FIGURA 1 - SANTA TERESA. MOSTRA-SE A SANTA ESCRREVENDO.



FONTE: HERRERA EL MOZO, SÉCULO XVII.

### 1.1 Definição

Esse capítulo pretende falar sobre a mística cristã.

Nesta pintura de Herrera El Mozo (século XVII), Teresa olha diretamente para a pomba, símbolo do Espírito Santo. Há reflexos brancos em seus olhos. A escrita é o que une a palavra Dele à dela como uma terceira matéria, uma intimidade entre eles. Experiência mística demonstrada pela pintura.

A origem da palavra mística segundo o dicionário de Etimologia vem do grego *mystiké*, e se refere a coisas divinas e espirituais, devoção, iniciação, mistério, ação de Deus sobre a alma humana (CUNHA, 1982, p. 1123).

A experiência mística em suas práticas pode mudar de acordo com o tempo e o lugar, mas existe uma qualidade universal nela: a experiência de aniquilamento do eu, aniquilamento como nadificação, conhecimento direto de Deus, evanescência da

alma. O sentimento seria de pura misericórdia de si, de Deus, do mundo, antes de tudo, experiência de liberdade como se somente no amor ela se efetivasse. Uma experiência transcendental que custa a morte daquilo que se é, ao mesmo tempo em que haveria o surgimento do que realmente se é.

A tradição literária mística se concentra na história Ocidental principalmente sobre os séculos XVI e XVII, porque embora a literatura mística não comece no século XVI é nele que o não dito, esfera do segredo, do mistério, pôde chegar a nós em forma de literatura, para que dela se pudesse saber alguma coisa. Ao passar pelas autoridades institucionais cristãs ela costumeiramente era barrada.

Certeau (2010 *apud* Bezerra, 2012, p. 252) diz que sempre houve o místico, sempre circulando pela história, pelo social, pela sensibilidade como o modo de sentir, a sensibilidade de um tempo histórico: “Não se pode tratar a mística sem referência a uma situação cultural e histórica particular”.

A passagem do místico para a mística se dá pelo atravessamento da linguagem escrita. Assim, os dois termos ganham sentidos diferentes. A mística deixa de ser um adjetivo para se tornar um substantivo que categoriza um fenômeno. Geralmente a mística está ligada a pessoas religiosas. A essa consumação da escrita se dá o nome de Mística: escrita realizada pelo místico (CERTEAU, 1982, p. 223).

Ao alcançar o status da escrita a mística sai de dentro da pessoa do místico e da igreja ou movimentos religiosos aos quais ele (a) está engajado para tomar a esfera pública, conforme explica Certeau:

Ao longo do séc. XVI as instituições eclesiásticas multiplicaram as advertências, os cuidados ou as terapias brutais para defender sua maneira de falar, como as medidas tomadas pelos jesuítas na primeira Ordem, contra os modos *dicendi novos*” e as expressões “novas e inusitadas”. por causa de suas palavras perigosas [...] (CERTEAU, 2010 *apud* BEZERRA, 2012, p. 255).

Alguns místicos que escreveram sobre suas experiências tentaram descrever algo que lhes escapa como linguagem, mas que se apresenta, que fala, “Deus fala” (PONDÉ, 2003, p. 44). Neste sentido se expressa D’Ávila:

São umas palavras muito bem articuladas, mas que não se ouvem com os ouvidos corporais, e se entendem muito mais claramente que se se ouvissem. Deixar de ó entender, por mais que se resista, é impossível. Cá na terra, quando não queremos ouvir, podemos tapar os ouvidos ou prestar atenção a outra coisa, de modo a que, embora se ouça, não se perceba. Nestas práticas, porém, que Deus faz à alma, não há nenhum remédio,

porque, embora me pese, me fazem escutar e estar o entendimento tão atento para compreender aquilo que Deus quer que entendamos, que não há querer ou deixar de querer. Aquele que tudo pode, quer que entendamos que se há-de fazer o que Ele quer, e mostra-Se verdadeiro Senhor nosso. Isto tenho eu experimentado muito, porque andei quase dois anos resistindo, pelo grande medo que trazia, e ainda agora tento fazê-lo algumas vezes, mas de pouco me aproveita (D'ÁVILA, 2005, p. 326).

Tipo de escrita não identificada pela instituição como legítima, estabelece uma relação clandestina a princípio. Como pôr em palavras uma experiência que atravessa a corporeidade ainda que sem o objeto físico? Um objeto que atinge várias categorias do sentido, do corpo, da linguagem, do significado, e suplanta um por um a todas elas porque se modifica.

Não me move, meu Deus, para querer-te  
O céu que me hás um dia prometido:  
E nem me move o inferno tão temido  
Para deixar por isso de ofender-te.

Tu me moves, Senhor, move-me o ver-te  
Cravado nessa cruz e escarnecido.  
Move-me no teu corpo tão ferido  
Ver o suor de agonia que ele verte.

Moves-me ao teu amor de tal maneira,  
Que a não haver o céu, ainda te amara  
E a não haver o inferno te temera.

Nada me tens que dar porque te queira;  
Que se o que ousar esperar não esperara,  
O mesmo que te quero te quisera (D'ÁVILA, 2005, p.25).

Na experiência de estética de Teresa, o corpo de Cristo causa sensações em seu próprio corpo, como se crucificada estivesse ela e Ele, ou ela com Ele. Esse laço é mais forte do que todos os conceitos de céu e inferno tão presentes em sua vivência.

Dentro da doutrina cristã esse tipo de narrativa ficava apartada assim como seu escritor, mesmo que depois o trabalho de místico pudesse ou não ser reconhecido pela religião, porque a narrativa mística é fora do controle, não é transpassada pela ortodoxia segura. O cristianismo já sabia que um dos controles mais importantes é o da palavra, por isso também é muito importante que a palavra de Deus seja única, esteja escrita e traduzida pelo viés do que é normativo. A mística se torna ameaça. “Torna-se místico o que se separa da instituição” (CERTEAU, 2010 *apud* BEZERRA, 2012, p. 254). D'Ávila (2005) assim se expressa:

Disse-me o Senhor: Não tenhas pena, que Eu serei seu livro vivo. Eu não podia entender a razão por que se me havia dito isto, porque ainda não tinha visões. Dali a bem poucos dias o compreendi muito bem porque, tenho tido tanto em que pensar e com que me recolher no que via presente, e o Senhor tem tido comigo tanto amor em me ensinar de muitas maneiras, que muito pouca, ou quase nenhuma necessidade tenho tido de livros. Sua Majestade tem sido o verdadeiro livro onde tenho visto as verdades. Bendito seja tal livro, que deixa impresso o que se há-de ler e fazer, de maneira que se não possa olvidar! Quem vê o Senhor coberto de chagas e aflito com perseguições, que não as abrace e ame e deseje?" (D'ÁVILA, 2005, p. 171).

Teresa passa a ser a escrita feita de carne, tatuada das palavras e desejos de seu Senhor. Por isso a pena era desnecessária, e quaisquer outras palavras além das Dele também, pois assim diz o Senhor que a ensina de várias maneiras, deixa-a retalhada de amor, fenecida de marcas, rabiscadas dentro e fora como Cristo.

Pondé (2017, p.172) diz sobre os místicos: "Só há semântica em Deus". Mas isso é melindroso já que a palavra confessada era método de controle religioso que doutrinava o corpo, o pensamento e os afetos. A palavra velada, revelada pelo Próprio era profanação da palavra sagrada. A mística não somente saiu da sombra da palavra imposta, mas da materialidade, dos símbolos. O do corpo de Cristo crucificado em sua representatividade universal em esculturas, hóstias, costumes e rituais revelavam que o corpo Dele estava no céu, mas que no vinho e no pão estava presente, e poderia ser absorvido pelo fiel. Era a representação de Deus glorificado dentro dos rituais canônicos. O testemunho dos místicos é mais direto. Deus fala com eles, os ama em suas imperfeições, pode ser encontrado em qualquer lugar, principalmente dentro de si mesmo, é material, toca, ama, penetra, rasga, se funde e diz palavras que não estão escritas na Bíblia:

"Indolentes", "extravagantes" e "ridículos" são apenas alguns adjetivos utilizados por muitos como sinônimos para os textos místicos. Mas voltemos ideia de mística como "uma maneira de falar". O que me parece fundamental para que entendamos a longa análise de Certeau é a sua visão de que a mística, ao contrário da *teologia* (um discurso sobre Deus), é *um modo de falar*. Parece banal essa distinção, mas é extremamente importante para que possamos pensar em uma tradição literária mística (BEZERRA, 2015, p. 256).

A mística poderia se tornar transmissível e fazer ordens, mosteiros como chegou-se a fazer. Essas modificações acabaram por se espalhar em alguns cantos da Europa e foram malvistas no sentido de desprezar, de estar além da religião e muito mais em busca da fé:

O que quero dizer é o seguinte: como estou navegando pelo universo da experiência, a mística transforma-se em algo eminentemente experimental. Podemos, então, até pressupor que, do ponto de vista da razão, coloca-se para nós a necessidade de um princípio. No entanto, este não é suficiente para que ocorra o conhecimento de Deus em si. A filosofia da religião, à qual nos referimos até agora, está encravada na ideado *páthos* divino que se manifesta na pessoa mística, na ideia do *affectus*. O místico, nesse caso concreto, é alguém que relata uma viagem, que descreve algo que conheceu. E quando ele faz esse discurso para alguém que não possui este tipo de conhecimento, é como alguém falando para um cego acerca de cores que ele jamais viu (PONDÉ, 2013, p.173).

A mística manifesta a quem lê que existe liberdade para a alma fora da religião, ignora a ordem e se faz epifania a cada letra:

Talvez o mais famoso dos primeiros textos místicos judaicos seja o *Sefer Yezirab* (Livro da Criação), do século V. O texto mostra Deus criando o mundo por meio da linguagem, como se estivesse escrevendo um livro. Mas a linguagem foi inteiramente transformada e a mensagem da criação não é clara. Cada letra do alfabeto hebraico recebe um valor numérico, combinando as letras com os números sagrados, remanejando-as em intermináveis configurações, o místico livrava a mente das conotações habituais das palavras. O objetivo era ignorar o intelecto e lembrar aos judeus que nenhuma palavra ou conceito poderia representar a realidade designada pelo Nome. Mais uma vez, a experiência de levar a linguagem ao limite e a ciências da alteridade de Deus. Os místicos não querem um diálogo direto com um Deus que percebiam como uma santidade esmagadora, em vez de como um amigo e pai compassivo (ARMSTRONG, 2008, p. 275-276).

Essa transfiguração, transgressão e transmutação da linguagem se pode encontrar na experiência do silêncio, da oração, da poesia, da arte, da psicanálise que vira ao avesso o discurso, ultrapassando os limites do sentido e do conhecimento. Mas a mística é mais “sublime” porque está inebriada de mistério, de sagrado e é chocante porque desafia a religião a partir dela mesma, visto que grande parte dos místicos estão envolvidos aí. É puramente estético, não tem compromisso com a ética. É o *phathos* que atravessa o mistério dentro dos sentidos onde por traz do mistério só há amor, piedade e misericórdia por tudo que existe:

Trata-se de uma experiência linguística que fala da superação da linguagem pela catástrofe que esta pode sofrer ao ser despedaçada contra aquilo que é irrepresentável logo, funda-se uma consciência dessa irrepresentabilidade... não há simetria epistêmica entre ela (noética mística) e os “oficiais de Deus” excluídos da experiência (PONDÉ, 2003, p. 56).

Teresa fala sobre a letra:

Oh! Senhor meu, que delicada, doce e saborosamente os sabeis tratar! Oh! quem nunca se tivesse detido a amar ninguém, senão a Vós! Parece, Senhor, que provais com rigor a quem Vos ama para que, no extremo do trabalho, se entenda o maior extremo do Vosso amor. Oh! Deus meu, quem tivesse entendimento e letras e novas palavras para encarecer Vossas obras como as concebe minha alma! Falte-me tudo, Senhor meu, mas se Vós não me desamparais, eu não Vos faltarei a Vós. Levantem-se contra mim todos os letrados, persigam-me todas as coisas criadas, atormentem-me os demónios; não me falteis Vós, Senhor, que eu já tenho experiência do lucro com que deixais a quem só em Vós confia (D'ÁVILA, 2010, 165).

Os deleites do tratamento que o Senhor dá a ela faz com que ela tenha certeza do extremo que há no absurdo dessa experiência, a falta já nem faz falta desde que a presença do amor Dele ali esteja, antes todos os tormentos, todos os demônios, todas as dores. Esse jeito calmo de deixar a alma ser tocada, beijada e, lancinada, sem sentidos... segredos que só os que passaram por testemunha podem saber.

Sempre por um triz a experiência mística é breve, talvez porque o corpo não suporte por muito tempo sua intensidade ou porque a linguagem somente chega a esse lugar por acaso. Mas só se pode usufruir a alegria e a paz da contemplação por uns poucos instantes após uma luta intensa. Antes de provar a doçura de Deus, a alma tem de abrir caminho a duras penas para sair da escuridão que é seu elemento natural (PONDÉ, 2003).

A mística atua prioritariamente no chão do afeto. Os místicos preferem o silêncio e o descompromisso com o intelecto e com qualquer outra coisa que não seja da ordem do sagrado, são livres: “A coisas da alma devem ser consideradas com amplitude, sem medo de exagerar, porque a alma ultrapassa a toda imaginação” (D'ÁVILA, 2005, p. 25).

A alma pela mística buscava um meio de se extravasar em aspiração, ânsia, o desejo de amor a Deus. Para além da escrita a experiência mística pode-se dar em qualquer espaço, na contemplação de um jardim, na observação de um leão como cita Prado (1999), ou no quebrar de uma caixa de ovo segunda a escrita de Lispector (1998). São inadequadas ao que é estabelecido dentro da religião cristã. Mas sempre tão profundas que são capazes de mudar não somente o corpo, o gozo e a linguagem, mas a história de um povo que ao observar no discurso ou no comportamento de um indivíduo sua modificação frente ao contato com o sagrado passa a desejá-lo também e fará o que for preciso: martírio, idolatria para experienciar o mesmo dom.

Fonte de imaginário, grande Outro, tela em branco, “cinematografia” em que era possível urrar, representar, simbolizar. Muitas vezes o afastamento do sujeito da fé era necessário, pois na mística são quebrados os lacres estabelecidos pelo poder religioso, sempre muito vigilante e que só permitia que fosse público e legitimado o não desafiasse o poder da igreja (BEZERRA *apud* CERTEAU, 2012, p. 34):

Deus por ser extralinguístico 'a narrativa... caracteriza-se pela narrativa de uma descontinuidade psicológica em sentido naturalista, o místico não crê em si mesmo porque não se constitui de *eidós* e porque, acima de tudo, não sofre de angústia de referência semântica, o que é um modo de descrever seu gozo: liberte-se de imperativo semântico (PONDE, 2003, p. 87).

A experiência do incondicionado implica uma visão do mundo como sem substância: não se trata de um mero discurso acerca da desgraça, ainda que seja comum em autores místicos referências a consciência de que a proximidade com Deus implica a percepção da miséria da criatura: “Quanto mais profundamente caio, mais docemente bebo” (Magdeburg, 1990 *apud* PONDE, 2003, p. 87).

Teresa descreve que a pena é seu instrumento de transmissão da palavra de Deus, muitas vezes não sabe distinguir sonho de realidade, fica cega aos desejos e palavras que lhe são inspiradas, ao mesmo tempo em que diz que antes de Deus ela nada poderia ver:

E isto é pura verdade, porque, embora eu depois me queira alegrar com aquele contento, ou ter pesar daquela pena, não está na minha mão; assim como não estaria na de uma pessoa discreta o ter pesar ou glória dum sonho que sonhou. É que o Senhor já despertou a minha alma daquilo que, por eu não estar mortificada e morta às coisas do mundo, me tinha feito sentimento, e Sua Majestade não quer que ela se torne a cegar (D'ÁVILA, 2005, p. 242)

O sintoma de escrever oferecia-se à possessão ao espírito de Deus, insuportável à cognição, à razão e à lucidez e é preciso coragem para se deixar transbordar, derramar-se em e para o espírito, o que se descreve na passagem de Pentecostes. A sensação de derramamento, de despedaçar-se em amor e palavras é o que tenta Teresa fazer através de uma pena.

Apesar da censura, a mística sobreviveu ainda que só se permitia que se tornasse público o que fosse legitimado enquanto obediência. Os místicos que nesse período sobreviveram enquanto corpo e voz foram os que não desafinaram com a voz dogmática do poder. Alguns desapareceram em história, corpo e obra. Da

instituição da mentalidade total só se sobrevive a partir do momento em que a experiência se volta à obediência, como ao exemplo de Maria, que teve, segundo a Bíblia, experiências místicas, mas que ao fim disse: “sim, senhor!” Amenizava a cisão principalmente de mulheres como Teresa para quem, dizer não, não era um direito (LEMOS, 2017).

## 1.2 A mística feminina e a mulher na Idade Média

FIGURA 2 - O CASAMENTO MÍSTICO DE SANTA CATARINA



FONTE: CORREGGIO, 1517.

A composição *O Casamento Místico de Santa Catarina* é uma obra religiosa do pintor italiano Correggio. Trata-se de um trabalho do artista quando este ainda era jovem, sendo o tema também pintado por outros pintores. A cena mostra a Virgem Maria sentada com seu Menino Jesus no colo, tendo à frente Santa Catarina e São Sebastião. Maria usa um vestido vermelho e traz às costas um manto azul escuro, enquanto o pequeno Jesus encontra-se nu, o que simboliza a sua pureza. Celebra-se o casamento da princesa Catarina com Jesus Cristo. Santa Catarina veste uma túnica amarela e traz sobre ela um manto dourado. Ajoelhada diante de Jesus, ela estende sua mão direita, que é sustentada pela da Virgem. O Menino está prestes a colocar no seu dedo anelar, que ele segura com a mãozinha esquerda, o anel que traz na mão direita. São Sebastião, de pé atrás da noiva mística, à direita, serve de testemunha. Nas mãos, ele traz as flechas de seu martírio. Todos os

personagens presentes concentram o olhar nas mãos dos nubentes, sendo que as mãos dos dois marcam o centro da composição. Na paisagem ao fundo é visto o martírio dos dois santos: o de São Sebastião à esquerda, sob uma árvore e o de Santa Catarina no centro da tela. Para além do martírio e da santidade existe o matrimônio santificado pela imagem de pureza da criança, porque ela não se casa com Jesus adulto. A igreja é representada pelos santos, por Maria como que autorizando essa união que antes de ser civil ou carnal, já que se trata de matrimônio é mística e santificada.

Teresa viveu no contexto extremamente místico no séc. XVI, em que o lugar da mulher era o da passividade. Apesar disso hoje se sabe de mulheres foram cientistas, artistas, artesãs, empresárias como donas de hospedarias e cervejarias, poetisas, teólogas. Independente do extrato econômico em que viviam contribuía em tudo, inclusive nas decisões feudais e reais.

O cristianismo demonizou o saber feminino, a sensualidade, a medicina, o parto, a fertilidade, a agricultura. Tudo isso foi associado ao mal. Dentro dessa realidade a mulher também era o objeto do amor cortês, o que fazia com que as mulheres fossem exaltadas como puras, como santas, como donzelas, como mães. A mulher era venerada como um ser inatingível numa relação de vassalagem do homem para com ela. Esse era o papel “bom” da mulher, dependia muito da idade e da aparência, se fosse velha, viúva e pobre já era associada com a bruxaria.

A divindade feminina das religiões antigas, arquétipo responsável pela doçura e a fúria de tudo o que existe, foi transformada em demônios pagãos e por fim nem existia mais. O sagrado feminino começou a ser chamado de Maria, uma virgem, mãe de um Deus que foi dilacerado. A origem anterior da história foi que Eva nascida de um homem foi a responsável por todo o mal do mundo. O exemplo de Maria foi o que inspirava Teresa, Maria Mãe de Deus, Esposa do Espírito Santo e Mãe de Jesus. Uma tríade divina monoteísta.

Essa ideia de virgindade e castidade foi se engrandecendo. Apesar do cristianismo monoteísta em seus primórdios ter sido construído por famílias, a partir do século IV a ideia de celibato foi tomando força. A sexualidade passou a ser algo do mal. O corpo virgem representava o movimento ascendente rumo a Deus. A castidade passa a ser um tipo de martírio, de sacrifício a Deus. O corpo e tudo relacionado a ele poderia causar excessos, por meio de comida, sexo, bebida, formicação, mal-uso da língua. A igreja passou então a sacralizar as uniões na

forma de casamento para que a relação se tornasse legítima. Em outras religiões anteriores haviam rituais de união entre homem e mulher, mas a igreja tomou posse disso e só se fosse por intermédio dela, igreja cristã, que a união seria sacra, à imitação do casamento entre Cristo e a igreja: “O clímax do rito acontecia no quarto do casal, quando os noivos, despidos, eram assistidos pelos convidados que se reuniam ao redor do leito nupcial. Esse gesto era para provar a intenção do casamento, ou seja, a união carnal e a procriação” (KUHN, 2012, p. 03).

A ascese cristã foi levada pela hermenêutica ao casamento. Tornou-se mais fácil à igreja controlar o homem, a mulher e família. A confissão e a penitência garantiam que o desejo vinculasse o prazer à culpa. Sacralizado, o casamento se tornou um dos meios pelo qual a Igreja pôde controlar o comportamento de homens e mulheres disciplinando a sexualidade. Com o decorrer dos séculos pode-se notar um aumento do horror a sexualidade e o ódio contra o corpo da mulher e a tudo o que se referisse a ela.

Segundo Lemos (2017) a religião e o gênero não são excluídos um do outro. Na tradição judaico-cristã o feminino é aquele que não é o homem, contrário ao sagrado, bíblicamente ligado ao profano, à humanidade. No entanto o que é dado como tradicional pode não ter sido sempre assim, pode ter sido construído como o natural, naturalizado como se o fosse, como sendo o que sempre foi, ainda que seja construção de um pensamento recente:

Mal magnífico, prazer funesto, venenosa e enganadora, a mulher é acusada pelo outro sexo de ter trazido sobre a terra o pecado, a infelicidade e a morte. Terror de sua fisiologia cíclica, lunática, asco de suas secreções sangrentas ido líquido amniótico, úmida e cheia de odores, ser impuro, para sempre manchada: Lilith, transgressora lua negra, liberdade vermelha nos véus de Salambô, Rainha da noite vencida por Sarastro. Perigosa portadora de todos os males, Eva e Pandora; devoradora dos filhos paridos de sua carne, Medéia e Amazona; lasciva, “vagina dentada” ou cheia de serpentes, o que Freud chamou de medo da castração e que em todas as culturas é assim representado. Fonte de vida, fertilidade sagrada, mas também noturnas entranhas: Essa noite, na qual o homem se sente ameaçado de submergir e que é o avesso da fecundidade, o apavora, o medo ancestral do Segundo Sexo. Que fez crer impossível a amizade na e das mulheres e tudo faz para impedi-la. Perdição dos que se deixam enfeitiçar pelo poço sem fundo e lago profundo – Morgana, Circe, Lorilei, Uíara, Iemanjá. Deusa da sabedoria e da caça, imaculada concepção e encarnação de Satã, a proliferação das imagens femininas, medusa, hidra e fênix, é, para usarmos noutro contexto e expressão de Walnice Galvão, o sumidouro das “formas do falso. Capitu. Diadorim (CHAUÍ, 2009, p.34).

O rompimento com o determinismo biológico seria necessário. Mesmo

hoje, não no corpo, porque são diferentes homem e mulher, mas na mentalidade, para que houvesse mais igualdade, na divisão de tarefas, no trabalho, na educação dos filhos e isso em todos os campos, no trabalho, na teologia, na casa.

Na Idade Média às mulheres cabia apenas a esfera privada da vida. As que tinham algum conhecimento de cura, parto, poesia, leitura, já eram suspeitas, a sexualidade era muito punida e vigiada, por isso o lugar da mulher era a casa dos pais, marido ou convento:

Desde os primeiros momentos da História da Mulher, pode-se observar a insistência com que se recorre ao pensamento dos teóricos antigos e medievais sobre a condição feminina para afirmar a submissão da mulher medieval. Desta forma, são muito comuns as citações de fragmentos de Aristóteles, São Paulo, Santo Agostinho e São Tomás de Aquino. Este último foi realmente importante para a construção do discurso misógino do século XIII, na medida em que recuperou a parte mais radical do pensamento agostiniano com relação às mulheres (NASCIMENTO, 1997, p. 85).

Como a condição feminina era muito rigorosa foram criados mosteiros entre os séculos XII e XIII:

Os objetivos destas fundações encaixam-se principalmente dentro das estratégias de preservação patrimonial e reprodução das linhagens nobres, traduzidas pela necessidade de recluír aquelas mulheres que não estavam destinadas ao casamento. Entretanto, deve-se dizer que nem todas as vocações eram fruto da coação familiar, uma vez que se pode comprovar uma grande profusão de fundações levadas a cabo por mulheres viúvas que, devido ao status que possuíam, certamente professavam de livre vontade. De fato, ao longo de nosso trabalho de pesquisa pudemos constatar que existia um projeto feminino de construção de um lugar de acolhida para as mulheres da família, longe da ingerência masculina, a partir do qual elas podiam exercer um papel protagonista dentro da sociedade feudal, tal e como requeria sua condição de nobres (NASCIMENTO, 1997, p. 87).

A comunidade de religiosas era formada exclusivamente por mulheres da nobreza, onde o dote exercia um papel fundamental: garantir a elitização dos mosteiros. Mas ainda assim muito se passava ali: abortos, amores clandestinos, homossexualidade, mulheres enclausuradas por adultério, fuga do claustro:

A legislação permitia ainda que o marido matasse o amante da esposa, também considerado adúltero, salvo se ele fosse fidalgo e o marido, de condição inferior. Se o marido fosse cavaleiro e fidalgo, podia matar o amante licitamente, mas, se não fosse nobre e matasse um homem de hierarquia superior, devia ser açoitado publicamente e degredado por um ano para algum lugar do extremo (SILVA, 2011, p. 43).

Nesse caso, a hierarquia social era a referência principal para a definição do assassinato como crime e para o estabelecimento da gravidade do delito e da pena. Um fidalgo podia matar outro fidalgo se ele fosse amante da sua esposa. Um homem de condição inferior devia primeiro se informar sobre a condição social do amante da sua esposa para não correr o risco de ser penalizado por atentar contra a vida de um nobre. Se um homem vil ousasse ferir ou matar um nobre, ele seria punido com condenação à morte. A noção da defesa de honra, tão cara entre os medievais, nos permite compreender o processo de legitimação de homicídios femininos na sociedade do século XV.

Para as mulheres que moravam no monastério a realidade era outra, as religiosas tinham um jeito diferente de falar, orar e ensinar e queriam contribuir com suas opiniões. Passaram a receber o nome de místicas. Logo a mística mudava de sentido de acordo com quem falava. Para os padres, os clérigos a linguagem delas era cheia de floreios, alegorias, metáforas, que era um estilo de disfarçar opiniões teológica e políticas:

As visões – compreendidas como contato imediato com o divino – são um meio, um estilo, uma forma para aumentar a importância do conteúdo. Não chega a ser surpreendente que as mulheres façam uso desta forma literária, afinal, no campo teológico, os homens normalmente eram aqueles que determinavam „a verdade. Para as mulheres ratificarem e afirmarem a importância de sua voz, precisaram articular seus conteúdos dizendo que a palavra provinha diretamente de Deus. A visão, portanto, é um conceito estratégico para garantir à voz teológica feminina uma dimensão divina e, conseqüentemente, sua autoridade. As mulheres querem afirmar que sua voz não é o resultado de uma emoção descontrolada, mas que vem do próprio Deus. Trata-se, pois, de uma maneira de contestar a voz dominante. A hermenêutica da mística, a meu ver, deve decifrar precisamente estes códigos de modo que se faça justiça às mulheres místicas que, ao encontrarem uma audaciosa forma de expressão teológica, abriram uma possibilidade de influência na igreja e no mundo (TROCH, 2013, p. 31).

A busca pelo direito de voz tornava cada vez mais ofensiva ao poder dos homens, da igreja, dos nobres, mesmo se refugiando em pequenos mosteiros. Cada um dos mosteiros era controlado por clérigos do sexo masculino chamados confessores, que estabeleciam uma ponte entre elas e o mundo, controlavam o que era dito, o que era real e tudo o mais que se podia controlar:

A ofensiva da igreja é dupla: por um lado, as mulheres que se unem em grupos são colocadas sob controle do clero... Por outro lado, há uma “purificação” crescente e o clero mantém um olho afiado para discernir se as mulheres são sólidas na doutrina ou precisam ser condenadas como bruxas ou hereges. Milhares de mulheres, então, morrem nas piras funerárias. Há

aldeias na Alemanha onde, depois de uma purificação, só 1 entre 10 mulheres sobreviveram (TROCH, 2013, p. 38).

Teresa era mais passiva, não queria ofender a igreja por isso ela mesma já se confessava culpada, errada e cheia de dúvidas, dizia que com frequência não sabia diferenciar o que ocorria com ela no caso de seus contatos, se era o sagrado, a mística, diabolus, loucura:

Quisera eu declarar os enganos que pode aqui haver, (ainda que, para quem tenha muita experiência, julgo que serão poucos ou nenhum; mas esta experiência há-de ser muita) e a diferença que há, de quando o espírito é bom ou mau, ou como também pode ser apreensão do mesmo entendimento - o que poderia acontecer - ou falar o mesmo espírito a si mesmo. Isto não sei se pode ser, mas ainda hoje me pareceu que sim (D'ÁVILA, 2010, p. 78-79).

Teresa se livrou de parte da violência graças ao seu discurso confirmador da igreja e dos homens.

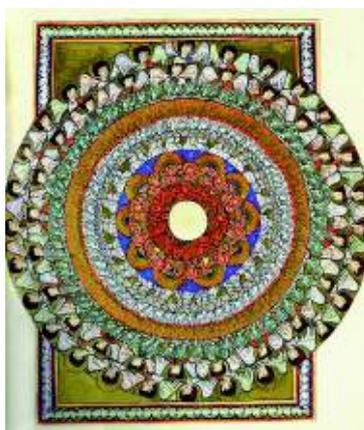
### **1.3 Outras místicas importantes**

Aqui falarei sobre outras místicas que viveram tempos antes ou depois de Teresa, mas que podem por suas histórias e obras exemplificar o papel da mulher na mística, suas relações com Deus e com a igreja. Essas mulheres muitas vezes foram perseguidas pelo cristianismo, tiveram ideias inovadoras e deixaram obras de literatura, música que após muitos anos foram reconhecidos pela mesma igreja que as perseguiu.

Uma dessas mulheres foi Hildegard de Bingen (2018), monja beneditina e doutora da igreja. Nasceu em 1098 na atual Alemanha. Hildegard procurou um convento para morar a primeira vez aos oito anos. Sua tia Jutta era a líder do mosteiro feminino e introduziu Hildegard na música e na língua latina.

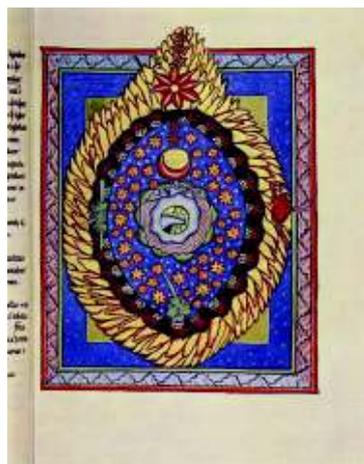
Veio a se tornar abadessa, criou o convento de Bingen, desempenhou um papel importante na política e na igreja. Escreveu sobre música, botânica, tratados teológicos, visões, textos cosmológicos, interpretações da Bíblia. Hoje é considerada uma das figuras mais singulares e importantes do século XII europeu.

**FIGURA 3 – ILUMINURA DO SCIVIAS MOSTRANDO AS HIERARQUIAS ANGÉLICAS.**



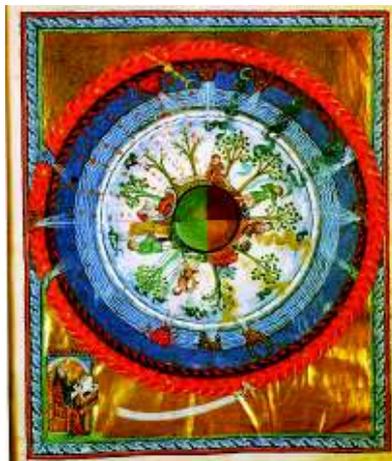
**FONTE: HILDEGARDA DE BINGEN (2018).**

**FIGURA 4 - ILUMINURA DO SCIVIAS MOSTRANDO A ESTRUTURA DO COSMOS.**



**FONTE: HILDEGARDA DE BINGEN (2018)**

**FIGURA 5 - AS ESTAÇÕES E O CULTIVO DA TERRA, ILUMINURA DO LIBER DIVINORUM OPERUM.**



**FONTE: HILDEGARDA DE BINGEN (2018)**

Possuía uma concepção mística e integrada do universo. A religião com Deus devia advir de uma união cooperativa e harmoniosa entre corpo e espírito, entre natureza, vontade humana e graça divina.

Em seus desenhos vemos uma cosmovisão, um todo universal sem juízos de hierarquia, mas com imagens circulares de composição, de onde tudo parte de um centro se estendendo até os limites, e muitas vezes dando a impressão de querer extrapolar os limite da tela, como se os desenhos pudessem infimamente serem ampliados a um todo que por fim retornaria ao mesmo ponto, voltando a se expandir.

Além de mística, teóloga e pregadora foi poetisa e compositora deixando obra original. Também fez muitas observações da natureza com uma objetividade científica até então desconhecida especialmente sobre as plantas medicinais, compilando-as em tratados onde abordou ainda vários temas ligados à medicina e ofereceu métodos de tratamento para várias doenças.

Um segundo grupo de místicas não está ligado aos mosteiros, mas às beguinarias. Este foi fenômeno muito difundido em algumas partes da Europa Ocidental, um grande movimento leigo de mulheres nas cidades e no campo. Elas se chamavam Beguinias. Viajaram por diversos países, viviam em comunidades. Até o século XVI foi um movimento muito influente no âmbito religioso. Duas mulheres beguinias bem conhecidas como místicas são Hadewijch de Antuérpia (1190-1240) e Margarete ou Marguerit Porete (1250-1310).

Com as beguinarias as mulheres criaram uma espécie de cidade dentro

da cidade. A maioria das casas foi construída em círculo com um grande pátio e apenas uma única porta de entrada. Em seu interior cada mulher tinha sua própria casa. As primeiras beguinhas, muito provavelmente, eram mulheres ricas que não desejavam se casar e nem queriam uma vida monástica. Mais tarde as beguinarias passaram a acolher mulheres de todas as camadas sociais.

Cada beguinaria era diferente. Existem, contudo, algumas características comuns: cada beguina trabalhava para o seu próprio sustento. O grupo possuía estruturas sociais e democráticas; as mulheres eram economicamente independentes, autônomas e não vinculadas por regras religiosas. Havia uma senhora eleita que coordenava a beguinaria por um certo tempo e, assim, representava as mulheres no município. As beguinhas se comprometiam apenas em não se casar e elas poderiam a qualquer momento sair da comunidade. As Beguinhas traduziram a Bíblia e outros textos religiosos, lecionavam, cuidavam dos doentes da região, vendiam os seus talentos tais como contabilidade, leitura e escrita. A mais antiga beguinaria está em Aachen, Alemanha (1230).

Em relação ao clero as beguinhas tinham tanto aliados como inimigos. Desde seu início no século XIII elas foram perseguidas em muitos lugares. Em 1311 o Papa condenou as Beguinhas mas o movimento cresceu ainda mais. Há vereditos do Papa Clemente XI, em que a música foi proibida para as mulheres porque ela prejudicaria sua modéstia natural. Beguinhas foram proprietárias e tinham seus próprios negócios: indústria têxtil, padarias próprias, fábricas e cervejarias.

Deste movimento, encontramos ainda resquícios, especialmente na Bélgica, Alemanha, França e Países Baixos. No século XVI mais e mais restrições foram feitas para as beguinarias em relação à sua atividade econômica e cada vez mais passaram para o controle da igreja.

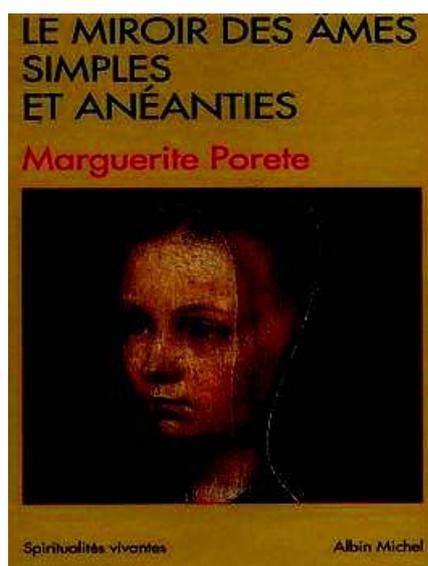
Hadewijch de Antuérpia (ALMEIDA, 2011), poetisa e mística do século XIII, era conhecida como a “grande senhora”, a líder das beguinhas. Pouco se sabe sobre sua vida. Há indícios de que escreveu entre 1230 e 1250. Viveu na Antuérpia porque ela escrevia no dialeto brabantino do neerlandês médio. Seus escritos indicam que ela fora educada por instrutores privados e, portanto, dispunha de alto status social. Hadewijch dominava o neerlandês, o latim e o francês, retórica, astronomia ptolemaica, numerologia, teoria musical, história da igreja e a maior parte dos escritores canônicos do século anterior. Foi a maior representante do chamado misticismo de amor em seu século. O misticismo do amor era um fenômeno

exclusivamente feminino, em que a fiel tinha experiências religiosas extasiantes e, por vezes, até violentas. Seu resultado era um amor místico intenso, que resultava até mesmo em visões. O casamento místico é uma metáfora muito utilizada para expressar esse amor.

Hadewijch escreveu em seus textos que o amor divino deve ser livre e orgulhoso porque ele cria autonomia e autoconsciência ao sujeito que o sente. Em seus escritos ela ligou canções religiosas com poesia dos trovadores seus contemporâneos, usando dessa analogia para se mostrar como noiva e amante de Deus. Para Hadewijch, o amor místico passava por três etapas: primeiro se tomava conhecimento do amor de Cristo; a isso se seguia uma entrega incondicional; por fim, a fiel alcançava o equilíbrio entre o amor místico e a vida terrena. Ela julgava que o amor místico a Deus era o único amor pleno e em sua obra dedicou-se a mostrar quão central era este sentimento em sua vida.

Margherit Porete (PORETE, 2008), apelidada Porete, também foi beguina. Não se sabe nem quando nasceu, nem onde. Sabe-se somente que ela era do norte da França. Era dedicada à oração, ao trabalho, à cura dos doentes. Escreveu uma obra prima da literatura mística e um dos primeiros grandes textos em prosa da língua francesa.

**FIGURA 6 - RETRATO DE MARGARIDA PORETE NA CAPA DE SEU LIVRO**



**FONTE: GALLIMARD, 1997.**

A figura de Margherit ou Margarida vem à luz da história documentada por

ocasião do seu processo na Inquisição que terminou com a sua morte na fogueira no dia 1 de Junho de 1310. Foi um ato de grande impacto público. Na França reinava Felipe o Belo, e o inquisidor, frei Guilherme de Paris, era o seu confessor. Foi condenada por ter continuado a difundir o seu livro já julgado herético anos antes; também foi julgada em 1310 por vinte e um teólogos convocados por seu confessor.

Ela ficou em silêncio durante todo o interrogatório e condenação. Esse silêncio fala muito da mística porque como explicar o que é inefável, inexplicável, pura experiência para fazer caber a linguagem dentro de um sentido? Qualquer justificativa dessa experiência a diminuiria e a mística sairia de dentro de seu silêncio. Um lugar privilegiado em que poucos chegavam mas que muitos buscavam, e que talvez ainda busquem, ao procurar uma religião: a experiência religiosa em si.

Seu livro chama-se *O espelho das almas simples* é ao mesmo tempo guia e narração de uma busca mística pessoal, mas partilhada e orientada por uma misteriosa sociedade espiritual, a das *Dames nient connues*, damas não conhecidas ou as senhoras que ninguém conhece. Esse nome remete a imagens místicas, ligadas a um imaginário pouco óbvio, secreto e que ligado ao feminino traz uma carga de simbolismo pagão.

Hoje o livro de Margherit conhece um verdadeiro sucesso editorial na Europa e nos Estados Unidos, com um vasto contorno de traduções, comentários e estudos, cuja personagem Alma se nadifica em busca do amor de Deus.

No sul de Europa Caterina ou Catarina Benin (TROCH, 2013) nasceu em 1347 na cidade de Siena, devastada pela peste negra. Catarina recebeu da família o apelido carinhoso de “Eufrosina”, que deriva da palavra grega para “alegria” e era também o nome de uma das santas cristãs mais antigas, Santa Eufrosina.

**FIGURA 7 - CARAVAGGIO – SANTA CATARINA DE ALEXANDRIA****FONTE: CARAVAGGIO, 1597.**

Segundo seu confessor e posteriormente biógrafo Raimundo de Cápua, Catarina teve a primeira de suas visões de Jesus Cristo quando tinha apenas cinco ou seis anos de idade.

Na imagem acima pintada por Caravaggio, Catarina foi representada. Sua imagem foi pintada muitas vezes na Idade Média. Aqui ela é uma jovem, vestida de veludo negro, num tom solene. Está de joelhos, posição de devoção, sobre uma almofada vermelha, o que dá uma posição de um certo conforto. Ao seu lado uma roda de madeira com lâminas cortantes e ferros cheios de ponta que a apoiam em sua postura. Vemos assim que os instrumentos de tortura são uma realidade viva e presente, que sempre está em paralelo com a personagem. Ao fundo a escuridão. Ficam em evidencia o brilho dos pregos e da espada. Símbolos bíblicos que remetem a algumas passagens da bíblia como a crucificação de Cristo e a mensagem de que Cristo seria a palavra de corte entre uma vida material e uma vida celestial (citar).

Juntamente aos símbolos de dor, está a aureola de santidade. Ela olha de forma tensa e assustada como se alguém estivesse a vigiando ou chegando ao seu encontro ou ainda como se ela tivesse sido interrogada por alguém e estivesse voltando seu rosto à face de quem pergunta. Nessa representação Catarina é

considerada bela por estudiosos da arte.

Voltando a Catarina histórica, mística e real, pode-se observar por sua história que ela foi representada na pintura com base na vida que teve. Foi pressionada a se casar pelo pai, ameaçada muitas vezes. Por seu lado, iniciou um duríssimo jejum, cortou os cabelos, prática que havia aprendido com a irmã recém-falecida e cujo marido não apreciava.

Para se defender de todas as pressões da vida de uma mulher da época, ela criou exercícios místicos que permitiam que ela vivesse em sua fantasia uma outra realidade. Catarina recomendou em seus escritos que quando se tivesse que enfrentar um problema, que se seguisse uma prática que criara em sua adolescência: “Construa uma cela em sua mente da qual você jamais possa escapar”. Nesta cela mental, ela transformou seu pai numa representação de Cristo, sua mãe, na Virgem Maria, e seus irmãos, nos apóstolos. Servi-los com humildade tornou-se uma oportunidade de crescimento espiritual para ela e, desta forma, Catarina conseguiu resistir ao costume do casamento e da maternidade.

Por volta de 1368, aos vinte e um anos, Catarina experimentou o que ela própria descreveu em suas cartas como um “casamento místico” com Jesus, um tema que se tornaria extremamente popular na arte cristã.

Cristo teria lhe pedido que deixasse a vida reclusa e se dedicasse à vida pública no mundo. Assim, Catarina passou a ajudar os pobres e doentes. Suas atividades piedosas em Siena logo atraíram um grupo de seguidores, homens e mulheres, que se juntaram a ela em sua missão.

Começou a ditar cartas para diversos assistentes endereçadas inicialmente a homens e mulheres de seu círculo de amigos e, gradativamente, a uma audiência mais ampla, incluindo figuras políticas a quem ela pedia paz e o retorno do papado de Avinhão para Roma. Ela manteve ainda uma duradoura correspondência com o papa Gregório XI, na qual pedia-lhe que reformasse o clero e a administração dos Estados Papais.

Catarina voltou para Siena e passou os primeiros meses de 1377 fundando um mosteiro com estrita observância para mulheres. Ela teve uma nova experiência que a levou a escrever seu *Diálogo* e a escrever por conta própria, apesar de continuar utilizando assistentes em suas correspondências.

No final de novembro de 1378, Urbano VI, convocou-a a Roma e ela permaneceu na corte papal tentando convencer nobres e cardeais da legitimidade

do novo papa romano, pessoalmente ou através de suas cartas. Morreu em Roma em 29 de abril de 1380 aos trinta e três anos de idade, depois de ter sofrido um derrame .

#### **1.4 A Palavra Possuída**

Faz parte do fenômeno místico a possessão pela palavra para que esta tome para si o autoridade de mística, assim como a dicotomia desse fenômeno, por isso o termo: “palavra possuída” – expressão criada por Certeau (1982) para falar sobre A Possessão de Loudun, que foi uma epidemia de possessões ocorridas entre 1610 e 1638.

Para Certeau esse acontecimento de Loudun passa pelos mesmos crivos de qualquer processo histórico. O passado é ressignificado de acordo com quem conta, reconta e não apenas um fato, mas a escrita sobre um fato que trabalha como espelho de um tempo histórico.

Loudun havia atravessado guerras, passado pela peste negra, fazia fronteira com comunidades protestantes. No convento Ursulino da cidade ocorre a possessão. A primeira a ser atacada foi a priora Joana d'Angeles e as outras freiras foram se contaminando em sequência pelos mesmos demônios.

Um padre chamado Grandier conhecido por sua beleza, cultura e inteligência, tem uma disputa de poder como cardeal Richelieu e Loudun é um dos poucos lugares ainda não controlados pelo cardeal. A respeito do acontecido, explica Certeau (1982): “não é a possessão que é verídica, o caso é verídico” e assusta a quem lê por sua violência.

Registrados pela Inquisição, tratados em livros de bruxaria e psicanálise, para Certeau (1982) as possessões são um fenômeno psíquico, de dentro e de fora, subjetiva e objetivamente se intercalando, também influenciando e sendo influenciados nas dimensões social e política.

As possessões de Loudun começaram a 22 de setembro de 1632. Era um vilarejo cercado de muros; todos os muros foram derrubados por causa da peste e para se conseguir maior controle clerical, inclusive do comércio da cidade como grupo de protestantes.

O padre Grandier tinha romances com algumas mulheres, muitas

mulheres, o que despertava o ressentimento nos homens. Depois de engravidar a filha de um homem poderoso amigo de Richelieu, sua vida foi decaindo.

As possessões se intensificando e se tornaram públicas pela ausência de muros. Com a possessão já em curso o padre Grandier foi enviado para o exorcismo. As jovens freiras entre 17 e 25 anos, com a presença do padre Grandier só pioraram, o que se mostrava nos gestos lascivos, palavras obscenas, etc...

O padre Grandier foi considerado, pelo clero, como o culpado pela possessão. Disseram que ele havia feito um sabá, um pacto com um demônio chamado Asmodeu. Seu processo jurídico junto à Inquisição tem mais de mil páginas. Ele apareceu perante os juízes de 15 a 17 de Agosto. Ele foi considerado culpado de feitiçaria, conjuração de feitiços malignos e possessão das Ursulinas, bem como algumas mulheres não religiosas. Em 1638 foi torturado e queimado na fogueira.

As possessões não foram extintas com a morte de Grandier, elas continuaram e o último exorcismo foi realizado em 1638.

Depois da morte de Grandier, durante o julgamento, as pessoas acreditaram que as freiras tinham sido escolhidas para suportar os sofrimentos em nome de Deus.

Para Certeau (1982) a possessão de Loudun é assustadora, não pelo que há ou não há de sobrenatural na questão, mas pelo jogo de “poder” e “inveja”.

Hoje o convento das Ursulinas é uma espécie de museu a céu aberto

Todos esses eventos de exorcismo são simbolizações, “teatralizações” de conflitos sociais, sexuais, econômicos, religiosos da época: “A possessão é um teatro onde se representam questões fundamentais, mas à maneira de uma encenação, enquanto que a feitiçaria é uma luta, um corpo a corpo entre duas categorias sociais” (CERTEAU, 1982).

É importante marcar a questão do sexo porque o masculino do discurso é revirado pelo discurso feminino em sua ordem. Ao questionar, insistir em tomar a palavra, rasgar as roupas e o corpo, atacar o outro, cuspir, se retorcer, a possessa dá voz a dor. Se trata do fenômeno da representação que quer revelar o jogo de exclusão, o silêncio forçado, um modo de extravasar de fazer dar conta de falar, de se mostrar o que é proibido, semelhante ao teatro, ao carnaval, como no caso do sofrimento no corpo das histéricas que Freud desejou escutar como espaço de angústia e desejo, sem punição, mas no jogo transferencial do amor. Espaço de

transgressão. A possessão transforma o corpo possuído no corpo social e suas palavras são a representação da violência explícita ou implícita de um tempo: Alguém fala em mim, o outro fala em mim: “eis o que diz a possuída”:

Torna-se a encontrá-la à maneira mística, pois acredito cada vez mais numa homologia estrutural dos problemas colocados pela feitiçaria, pela possessão e pela mística. Na verdade a questão permanece a de saber por que é branco ou preto, Deus ou o Diabo; mas, fundamentalmente, o tipo de manifestação é o mesmo, redutível à relação que uma travessia alteradora mantém com uma ordem semântica, ou a relação de uma enunciação com um sistema de enunciados (CERTEAU, 1982, p. 240).

Certeau cita que Freud acreditava que havia uma relação particular entre o inquisidor e a possuída semelhante ao do analista e da paciente, ao querer saber o que havia ali, fazer falar, fazer silêncio, esperar, escutar o silêncio, observar, com todos os jogos transferenciais, fantasias e afetos possíveis que há nesse processo. Certeau diz que há duas questões ligadas à possessão: primeiro é quanto a sua origem, angelical ou diabólica e segundo porque ocorria de modos diferentes em lugares diferentes. As possessões da cidade, como o lugar em que vivia Teresa, eram individuais e as possessões no campo eram grupais:

**FIGURA 8 - CENA DO FILME “OS DEMÔNIOS”, DIRIGIDO POR KEN RUSSEL É BASEADO NO LIVRO DE NÃO FICÇÃO DE AUDOUS HUXLEY, SOBRE O CASO DA POSSESSÃO DE LOUNDUN.**



Fonte: <https://estudantespirita.com.br/as-freiras-endemoniadas-de-loudun/>. Acesso em: 12 jul. 2017.

Na foto sobre o filme baseado em Loudun percebemos a violência contra

o corpo, agora incontido pela possessão e laços não somente subjetivos, mas amarras por todos os lados. Um corpo que fala e fala o que não é adequado ser falado. Discurso desafiador da ordem. Muitas cruces são mostradas na tentativa de repudiar o corpo, o insopitável e coercível. Muitos homens em volta de uma jovem posta de cabeça para baixo, mas que ainda assim insiste em desafiar, não somente com o falar, mas com o olhar. Cabe ao médico ou ao exorcista fazer falar o nome do que está acontecendo naquele corpo-linguagem, fazer caber na racionalidade, para poder explicar o que há, reduzir ao campo do que é possível compreender:

Fui logo a meu confessor, muito aflita, a dizer-lhe. Perguntou-me sob que forma O via. Eu disse-lhe que O não via. Disse-me como é que eu sabia que era Cristo? Eu disse-lhe que não sabia como, mas não podia deixar de entender que Ele estava ao pé de mim e O via e sentia nitidamente, e que o recolhimento da alma era muito maior que em oração de quietude e muito contínuo, e os efeitos muito diversos dos que costumava ter e que era coisa muito clara (D'ÁVILA, 2005).

Os confessores de Teresa sempre a perguntavam sobre suas certezas a respeito da origem do que ela via: é mesmo o Cristo? O que ele fala? Como ele se apresenta? Como você o distingue? Por meio dessas entrevistas, principalmente ao perguntar o que ele fala, é possível saber se o discurso é subversivo ou confirmador. É como uma avaliação em que se estigmatiza a origem do que é dito. Como o saber médico que não dá abertura pela fala, apenas para o diagnóstico, colocando o desejo em reclusão, diferente do inquisidor e do analista que querem saber, o primeiro faz falar pela dor o segundo pelo amor:

Exorcistas e médicos se opõem juntos à exceção delinquente, herética ou doente, ao anormal que a possuída representa. Eles se opõem à sua fuga, pois ela se exila da linguagem social, trai a topografia linguística que permite organizar uma ordem social. Exorcistas e médicos tentam, então, compensar, reabsorver a escapada da possuída para fora dos campos de um discurso estabelecido. Médicos e exorcistas não se entendem sobre o que é a norma – para uns ela compreende a intervenção visível de um cosmos sobrenatural e para outros ela exclui esta intervenção. Mas eles se entendem fundamentalmente para eliminar uma extraterritorialidade da linguagem. O que combatem pela nominação é o fora-do-texto onde se coloca a possuída quando se dá por enunciado de alguma coisa que é fundamentalmente “outro” (CERTEAU, 1982, p. 245).

O que a possuída diz vai contra o saber religioso e médico: “o sujeito quer ser escutado, o sujeito que quer isso é o sujeito do Desejo” (VERANO, 2007, p. 47). Talvez por isso a mística se aproxima da psicanálise ou a psicanálise da mística,

porque algo nela quer falar: louca, doente, bruxa, santa, de qualquer modo é oposição `a ordem social. O inquisidor, o médico, ou o psicanalista são fundamentais por darem o direito de falar sobre o suplício. Há que se saber o nome desse sujeito indeterminado, oculto, “eu sou outro”, que se faz no corpo da doente-histórica-mística-possuída e o desfacela na tentativa de se revelar, maior que a linguagem, em que o mensageiro é importante:

Já que tenho dito de algumas tentações e perturbações interiores e secretas que o demónio me causava, quero tratar agora de outras que me fazia, quase públicas, em que não se podia ignorar que era ele. Estava eu uma vez num oratório e apareceu-me para o lado esquerdo, em figura abominável; em especial reparei na boca, porque me falou e a tinha horrenda. Parece-me que lhe saía do corpo uma grande chama, que era toda clara, sem sombra. Disse-me de modo terrível que eu bem me tinha libertado de suas mãos, mas que ele me faria voltar a elas... Outra vez estive cinco horas atormentando-me com tão terríveis dores e desassossego interior e exterior, que julgo que mais já não se podia sofrer... Quis o Senhor que eu entendesse como era o demónio, porque vi ao pé de mim um negrito muito abominável, raivando como desesperado porque perdia onde pretendia ganhar. Eu, quando o vi, ri-me e não tive medo... eram grandes as pancadas que o demónio me fazia dar com o corpo e cabeça e braços, sem eu poder opor resistência e o pior era o desassossego interior, que, de nenhum modo, podia ter sossego. Não ousava pedir água benta para não causar medo às irmãs e para que não entendessem o que era... Outra vez estava no coro e deu-me um grande ímpeto de recolhimento: saí dali para que não o percebessem. Porém, todas as que estavam ali perto, ouviram dar pancadas grandes onde eu estava; e ao pé de mim, eu ouvi falar como que combinando alguma coisa, embora não entendesse o quê. Era fala grossa, mas estava tão em oração que não entendi coisa alguma, nem tive nenhum medo. Era isto quase de cada vez que o Senhor me fazia mercê de que, por minha persuasão, se aproveitasse alguma alma. E é certo que me aconteceu o que agora direi. E disto há muitas testemunhas, em especial quem agora me confessa que o viu escrito (D'ÁVILA, 2005).

Nesse relato Teresa conta que o demônio tinha boca, dentes, voz, batia nela e que o Senhor dizia que mesmo frente a esse espetáculo estético estranho, que ela não tivesse medo. Muitas vezes ela o via em particular, outras vezes publicamente, reforçando a conceito de que a possessão era algo mesmo que ocorria no campo e na cidade e que em ambos os casos era um fenômeno público, passível de contaminar e assustar outras pessoas que estivessem por perto, disseminando a fala sobre o ocorrido, se fazendo realidade de uma época. Esses relatos místicos podem terem sido alterados por questões epistemológica e ideológicas:

Ora, o que nos chega são documentos alterados e fragmentários. Retenho

deles alguns indícios. As fontes disponíveis (arquivos, manuscritos, etc.) apresentam, frequentemente, o “discurso” da possuída como sendo aquele que é sempre enunciado por alguém outro que não a possuída. Para a maioria dos casos, estes documentos são depoimentos de notários, relatórios de médicos, “avisos” ou “consultas” de teólogos, “depoimentos” de testemunhas ou as sentenças dos juízes (CERTEAU, 1982, p. 215).

A grande importância de textos místicos que puderam ficar é que passaram pela censura oficial, porque a maioria da palavra possuída foi reformada pelos homens do saber. A dicotomia entre o bem e o mal teria que ser esclarecida para saber de quem e com quem se estava falando, por isso é muito importante no exorcismo que aquilo que está dentro do corpo da mulher diga o seu nome. A importância da escrita também era fundamental no exorcismo; fazia com que na Inquisição houvesse muitas vezes duas fogueiras, uma para a pessoa e outra para seus livros (DIAS, 2010, p. 250).

## CAPÍTULO 2 - TERESA D'ÁVILA E TERESA DE JESUS

FIGURA 9 - SANTA TERESA D'ÁVILA



FONTE: GERARD, 1827.

### 2.1 Infância e vida adulta

No quadro de Recamier Teresa olha languidamente para o lado. Está sozinha e em posição de oração. O vermelho de sua roupa e os pés descalços transmitem uma sensualidade discreta, pois está encoberta por sua vestimenta que a tampa por inteiro.

Teresa de Cepeda y Ahumada nasceu no dia 28 de Março de 1515 em Ávila na Espanha. Neta de judeus, desde pequena teve personalidade forte e marcada pela determinação e coragem. Brincava que era uma mártir que morria nas mãos dos mouros e fundava mosteiros. Da mãe herdou o gosto pela leitura o que incomodava seu pai pelo conteúdo romântico e sensual da literatura da época. Chegou a namorar um primo e então seu pai a proibiu de duas coisas: ler e de ter namoros. Colocou-a no convento das agostinianas.

Ainda assim cresceu tendo acesso a livros de importância. Isso deu a Teresa a oportunidade de entrar desde cedo em contato com as grandes obras da história do pensamento Ocidental.

Na adolescência tornou-se adicta à leitura dos livros de histórias de cavalaria. As experiências de amor romântico lidas mais tarde tomariam forma de amor romântico, transferido para sua relação com Deus, assim como estruturariam seu estilo de escrita:

Parece-me que começou a me prejudicar muito o que agora vou dizer. Considero algumas vezes o mal que fazem os pais em não procurar que seus filhos vejam sempre, e de todas as maneiras, coisas virtuosas. Porque, sendo minha mãe, como eu disse, 'tão virtuosa, ao chegar ao uso da razão não aproveitei tanto do bem, enquanto o mal muitos prejuízos me trouxe. Ela gostava de livros de cavalaria, e esse passatempo não lhe fazia tão mal quanto a mim, porque ela não deixava seu labor, somente nos dando liberdade para lê-los. E é possível que o fizesse para não pensar nos grandes sofrimentos que tinha, e para ocupar seus filhos, evitando que se perdessem em outras coisas. Isso pesava tanto a meu pai, que era preciso ter cuidado para que ele não o visse. Acostumei-me a lê-los; e aquela pequena falta que nela eu via fez esfriar em mim os desejos, levando-me a me descuidar das outras coisas; e não me parecia ruim passar muitas horas do dia e da noite em exercício tão vão, escondida de meu pai. Era tamanha a minha absorção que, se não tivesse um livro novo, em mais nada encontrava contentamento (D'ÁVILA apud GUTIÉRREZ, 2003, p. 135).

Os livros de cavalaria eram romances românticos com histórias de amor, de erotismo entre homens e mulheres. Essa literatura fazia com que Teresa fosse absorvida por eles. Seu hábito de leitura certamente a influenciou em sua escrita e em suas fantasias de amor a Deus. Rotina que ela escreve ser muito prejudicial ao seu caminho de santidade e que ela agradece ao pai por lhe tirar esse tipo de enfermidade.

Aos 20 anos de idade, não querendo se casar como seu pai desejava entrou para o convento das carmelitas de Encarnación de Ávila, onde vivia uma amiga sua. O processo de sua forte conversão se deu depois de uma longa enfermidade. Teresa chegou a ser dada como morta, entrou em coma, ficou tão frágil que só poderiam mexer em seu corpo através de lençóis para que ela não se quebrasse. Depois de todo o sofrimento Teresa despertou e louvou a Deus andando de quatro pelo quarto.

Durante a fase mais leve da doença em que ela ainda podia se mover, um tio lhe deu um livro chamado *O Terceiro Abecedário Espiritual*. Com esse livro ela migrou da literatura romântica medieval para a literatura espiritual. Depois desse

processo gravíssimo em sua saúde ela se asseverou consigo mesma e com as regras do convento da Encarnación, percebeu os problemas contextuais em que viviam as religiosas e as não religiosas no mesmo espaço. Ficavam juntas moças que queriam se casar, mulheres que tinham tido filhos fora do casamento, adúlteras, nobres que por alguma questão na corte eram instaladas ali. As religiosas não tinham o espaço para exclusivamente viver de oração e contemplação, assim decidiu com algumas amigas fundar o convento de São José, em Ávila. Ao sair do mosteiro de Encarnación, Teresa assumiu o nome religioso de Teresa de Jesus, nome com o qual assinaria os seus escritos pelo resto da vida.

Em 1565 o Novo Mosteiro recebeu a sanção do Papa Pio IV para o novo claustro de pobreza, silêncio, três autoflagelações por semana, jejum, abstinência total de carne e uso de sandálias, por isso “descalças”.

Nessa época conheceu João da Cruz que já era reconhecido como grande místico na época. A afinidade entre eles foi forte, trocavam experiências, conversavam dias a fio e tinham planos juntos. Fundaram as “Novas Casas Religiosas”, espaços de religiosos ou religiosas que ansiavam seguir a Deus com rigor. Entre 1567 e 1571 foram fundados Conventos em Medina del Campo, Malagón, Valladolid, Toledo, Pastrana, Salamanca e Alba de Tormes. Em 1568 eles fundaram o Primeiro Convento das Irmãs Carmelitas Descalças em Duruello.

Os Carmelitas não Reformados ou da Os “Antiga Observância” perceberam que estavam perdendo terreno. Então no ano de 1575 com apoio das autoridades inquisitoriais começou a perseguição principalmente a Teresa e a João. Este ficou preso por um ano sofrendo torturas. A fundação de novos mosteiros reformados foi proibida e Teresa foi condenada a reclusão absoluta em algum lugar escolhido por ela. Ficou então no Carmelo Reformado de São José em Ávila. Depois de várias súplicas feitas por amigos clericais de Teresa e João por escrito ao Rei da Espanha Felipe II, os Reformadores conseguiram amenizar a situação para Teresa que teve sua pena amenizada voltando a viver normalmente no claustro. João teve que fugir, foi com a ajuda das carmelitas, por quem foi cuidado e não voltou a ser preso. Em 1579, os processos contra Teresa que estavam na Inquisição foram engavetados. O Papa Gregório XIII dividiu o Carmelo em duas Ordens distintas: a Ordem do Carmelo da Antiga Observância e a Ordem do Carmelo Reformado.

Os livros de Teresa também eram comumente censurados pela Inquisição. *O Livro da Vida* mesmo tendo sido escrito a pedido de seus confessores

foi acusado de ter origem em experiências diabólicas. Teresa passou a infligir a si própria diversas torturas e outras formas de mortificação. Ela só parou depois de seus amigos e confessores a convencerem de que a origem era divina. As monjas viam as experiências místicas de Teresa como flutuar, curar e pediram que as ensinasse a rezar e assim ela escreveu *O Caminho da Perfeição*, mas somente os homens religiosos letrados tinham acesso a ele, por descrever justamente suas experiências místicas (AZEVEDO, 2017).

Um padre chamado Gárcia Toledo corrigiu o que ele considerou inadequado, pôs o livro sobre a autoria de um homem, revisou sua escrita e as experiências passadas por ela com o filtro da santidade, dando sua própria versão à escrita de Teresa para que ninguém reconhecesse nem mesmo a sua letra. Tereza abdicou da autoria de sua obra para que eles decidissem o que fazer com sua vida:

Não sei se digo desatinos. Se são, o senhor os corte, e se não são, suplico-lhe que ajude minha simplicidade acrescentando aqui muito. Porque andam as coisas de Deus tão fracas que é preciso defenderem-se uns aos outros os que o servem para ir em frente. E para esses há poucos olhos e, se um começa a se dedicar a Deus, há tantos que murmuram, que é preciso buscar companhia para defender-se até que já estejam fortes e não lhes incomode o sofrer. Senão, ver-se-ão em grande aperto (D'ÁVILA *apud* CECHINEL, 2015, p. 16).

Ela sempre busca a ajuda de pessoas mais experientes que ela na fé, que pudessem escutar suas experiências e ajudá-la a se defender do mal, a ter abnegação ao sofrimento, a não reclamar, a se fortificar na fé. Seu confessor, o padre jesuíta Francisco de Borja<sup>1</sup> assegurou-a da divina inspiração de seus pensamentos, que sua experiência era real, que era com Deus e que ela era uma vítima, uma pessoa escolhida para que acontecessem esses fenômenos, que ela não tinha culpa: “Sendo mulher e ruim, senti-me incapaz de trabalhar como desejava para a glória de Deus. Tendo o Senhor tantos inimigos e tão poucos amigos, toda a minha ânsia era, e ainda é, que ao menos estes fossem bons” (D'ÁVILA, 2010).

A passividade de Teresa teve que ser exaltada para livrá-la do dolo de ter um contato tão imediato com o Senhor, essa era a posição esperada de uma mulher, de uma monja, de uma santa, do contrário ela pareceria uma bruxa.

Teresa teve que se pôr num discurso atemorizado de muita fragilidade,

---

<sup>1</sup> Francisco de Borja nasceu na Espanha, em 1510, bisneto de Fernando de Aragão. Se casou com Eleonora de Castro e tiveram 9 filhos. Depois da morte da esposa entrou para a Companhia de Jesus.

misógino porque o pensamento medieval era por si só mágico, fenomênico, teológico e punitivo. Uma mulher dizer que sentia prazer em seu corpo através do corpo de Deus, que levitava, que tinha visões, parecia apresentar uma mensagem muito pagã e anticristã. E para agravar sua situação, seu avô judeu foi assassinado pela Inquisição. Em seu discurso ela sempre se colocava pronta para ser punida.

A racionalidade da igreja era dada como natural mesmo que atuando com base na violência. A igreja instrui normas, comportamentos, como esses fossem ordenados por Deus e não fruto de pensamento e interesses humanos, naturalizando o que quer que sirva aos seus interesses por mais perverso que isso seja. Essa lógica recebe o nome de “ato de autoridade”, ninguém escapa: gênero, raça, aparência, idade, classe social estabelecendo assim uma identidade para todos que estão sob sua influência.

No entanto Para Teresa as orações das irmãs enclausuradas eram capazes de modificar o mundo que estava na beira de um abismo, como uma estratégia de guerra, para utilizar termo de Bourdieu (1974).

Orazem (2011) considera Teresa D'Ávila uma das mais importantes figuras femininas de sua época. Seu modelo de misticismo e suas práticas foram copiadas, divulgadas por toda a África, América e Ásia. No Brasil suas ideias foram fortemente seguidas no Nordeste, região mística, com forte teor messiânico ainda hoje no imaginário popular .

Nascida num tempo em que a religião era a detentora de muito poder, dentro da clausura Teresa encontrou liberdade para ter acesso a elementos que a maioria das mulheres de sua época não tinham com a limitação do casamento e da maternidade. A santificação e a beatitude pode se dar em qualquer lugar, mas existe a busca de um lugar adequado a santificação. Eliade (1992) diz que o lugar sagrado é um ambiente em que o tempo e o espaço tem um significado diferente da vida comum, um lugar que é capaz de ressignificar a vida das pessoas pela fé. O movimento de se afastar do cotidiano, dos lugares habituais para se isolar num campo sagrado ressignifica e dá sentido ao tempo e a vida.

Esse movimento dentro do cristianismo começou com os Monacatos no séc. I d.C., monos vem de só. Os padres ou pais doo deserto, como eram chamados, eram os eremitas da igreja católica que escolhiam essa reclusão. Os monastérios eram vistos como um lugar reservado do mundo, um lugar sagrado, separado do lugar profano:

É preciso dizer, desde já, que a experiência religiosa da não homogeneidade do espaço, constitui uma experiência primordial, que corresponde a uma “fundação do mundo”. Não se trata de uma especulação, mas de uma experiência religiosa primária, que precede a toda reflexão sobre o mundo. É a rótula operada no espaço que permite a constituição do mundo, porque é ela que descobre, o ponto fixo, o eixo central de toda orientação futura. Quando o sagrado se manifesta por uma hierofania qualquer, não só rotura na homogeneidade do espaço, como também na revelação de uma realidade absoluta, que se opõe a não-realidade da imensa extensão envolvente. A manifestação do sagrado funda ontologicamente o mundo (ELIADE, 1992, p. 26).

A Congregação ou monastério em que entrou Tereza chamava-se “A Ordem do Carmo”. A palavra Carmo significa “pomar bem cultivado”, “jardim fértil”, “vinha de Deus”. Foi fundada no século XII na Europa por leigos que buscavam viver um cristianismo mais autêntico: muitos deles iam em peregrinação à Terra Santa e alguns se estabeleceram no Monte Carmelo. Por isso, passaram a ser chamados de carmelitas ou carmelitanos. Entre os anos 1206 e 1214 d. C. o papa Inocêncio IV aprovou o modo de vida asceta que eles levavam.

Teresa além de participar de um Carmelo fundou outros monastérios, o mais famoso é das Carmelitas Descalças. Nesse lugar foram praticantes da ascese como o próprio nome propõe: viviam de esmolas, quando tinham dinheiro comiam, outras vezes jejuavam e também havia a prática da clausura, oração, dormir no chão, votos de silêncio, contemplação... (AZEVEDO, 2015).

Teresa tinha de sua influência junto aos nobres na Espanha e em Portugal, atendia aos nobres e trocava conversas com eles, que a tinham em grande conta por seus escritos, inteligência e força de colonização religiosa na sua região, vivenciou a Reforma, a Contrarreforma, o Renascimento, o descobrimento da América. Perante tudo isso fez “O Caminho da Perfeição”. Escreveu sobre pobreza, castidade, obediência, e todos os exercícios de mortificação e oração possíveis. Se autodenomina como uma guerreira da fé para defender a si e ao seu monastério dos acontecimentos da época:

Mas achei necessário fazer como em tempo de guerra, quando o inimigo invade uma região. O soberano, em apuros, se recolhe a uma cidade, que fortifica muito bem. Dali sai para atacar os adversários. Os da cidadela são gente tão escolhida que podem mais, eles sozinhos, que muitos soldados, se estes são covardes. Desta maneira muitas vezes conseguem a vitória. Se não ganham, ao menos não são vencidos, porque, não havendo traidores, ninguém os sujeita, a não ser pela fome. Em nosso caso não há fome que nos obrigue a nos render. A morrer sim, não a cair vencidas... Já que de nada valem - nem pra um, nem pra outro - na defesa do nosso

Rei, procuremos ser tais que nossas orações possam ajudar a esses servos de Deus que à custa de tantos esforços se consolidaram com a ciência e a santa vida e se empenham agora em combater pelo Senhor (D'ÁVILA apud AZEVEDO, 2015).

A maioria dos religiosos confessores de Teresa eram teólogos e professores da Universidade de Salamanca, na Espanha, um dos centros de formação mais antigos da Europa. Foi onde a religiosa teve apoio financeiro e espiritual (ORAZEM, 2011).

Os confessores de Teresa foram:

- Francisco de Borja e Aragão: espanhol, duque de Gandia, exerceu o cargo de Vice-rei da Catalunha. Casou-se teve oito filhos. Após a morte da esposa decidiu entrar para a Companhia de Jesus. Fez missões pelo mundo todo e fundou o noviciado de Sant'Andrea.
- Pedro de Alcântara: nascido em 1499, foi frade franciscano espanhol, fez importantes reformas na Ordem dos Capuchinhos. Estudou direito na Universidade de Salamanca, mas abandonou os estudos e tomou uma vida religiosa em 1515 no Convento de San Francisco de los Majorretes, onde tomou o nome de frade Pedro de Alcântara. Foi ordenado em 1524, com 25 anos. Ajudou a fundar uma série de mosteiros. Era pregador e místico. Escreveu o "tratado de Oração e Meditação (ORDEM CARMELIAS DESCALÇOS).

De Teresa ficaram os livros: *O Livro da Vida, Caminho de Perfeição, Castelo Interior ou Moradas, Livro das Fundações, Relações Espirituais, Conceitos do Amor de Deus, Exclamações da Alma a Deus, Constituições, Modo de Visitar os Conventos, Certame, Resposta a um Desafio Espiritual*, além de poesias. Teresa escreveu cerca de 450 cartas, muitas delas endereçadas a nobres, religiosos e políticos influentes da Espanha, principalmente no período da Reforma.

As poesias de Teresa são consideradas muito refinadas, são de ordem estética e contemplativa. Muitos nas igrejas as usam como orações:

Ao Cristo crucificado  
Não me move, Senhor, para querer-te,

o céu que me hás um dia prometido;  
nem me move o inferno tão temido,  
para deixar por isso de ofender-te.

Move-me tu, Senhor, move-me o ver-te  
cravado nessa cruz e escarnecido;  
move-me no teu corpo tão ferido  
ver o suor de agonia que ele verte.

Move-me ao teu amor de tal maneira,  
que a não haver o céu eu te amara  
e a não haver o inferno te temera.

Nada tens a me dar porque te queira  
pois se o que ousar esperar não esperara,  
o mesmo que quero te quisera

(Tradução de Manuel Bandeira, 1968) (CRISÓSTOMO, 2009).

Nesse poema a relação de intimidade entre Teresa e seu Senhor fica explícita e seu amor fortemente evidenciado. Nada precisaria da parte dele para que ela o amasse, apenas existir já é o motivo de desejar segui-lo fortemente na vida e para além dela. Sua fala é tão intensa que nem mesmo a morte é obstáculo para o seu amor.

Por seu trabalho e escrita Teresa foi a primeira mulher reconhecida como Doutora da Igreja em 1970 pelo Papa Paulo VI, título antes apenas concedido a homens como Santo Agostinho, São Tomás de Aquino e São João da Cruz. Morreu no dia 4 de outubro de 1582, com 67 anos. Foi, também, beatificada.

Na autópsia de seu corpo foi identificada uma longa cicatriz de um corte profundo no coração. Essa parte do seu corpo encontra-se em um relicário na Igreja das Carmelitas, em Alba. Como era comum na época, o corpo santificado de Teresa foi dividido em muitas partes e espalhado por várias igrejas diferentes como relíquias sagradas.

## 2.2 Cronologia e Relíquias

- |      |  |
|------|--|
| 1515 | 28 de março: Nascimento de Teresa de Ahumada y Cepeda em Ávila; 4 de abril: Batismo. |
| 1519 | Nascimento de seu irmão, Lourenço.   |
| 1520 | Nascimento de seu irmão, Antônio.  |
| 1521 | Nascimento de seu irmão, Pedro.  |

- 1522 Teresa foge com seu irmão Rodrigo; nasce seu irmão, Jerônimo.
- 1527 Nascimento de seu irmão, Agostinho.
- 1528 Nascimento de sua irmã, Joana e morte de D. Beatriz de Ahumada, sua mãe.
- 1531 Teresa entra como aluna interna no Convento de Nossa Senhora da Graça.
- 1535 2 de novembro: foge de casa para a Encarnação
- 1536 2 de novembro: Teresa toma o Hábito
- 1537 3 de novembro: professa como Carmelita no Convento da Encarnação.
- 1538 Outono: sai enferma do Convento da Encarnação. Lê o “Terceiro abecedário”
- 1539 15 de agosto: colapso de quatro dias na casa paterna; regressa ao Convento da Encarnação; paralítica durante “quase três anos”.
- 1542 Curada, abandona a Oração.
- 1543 Morre seu pai D. Alonso de Cepeda; à época, Pe. Vicente Baron é seu Diretor Espiritual.
- 1546 Morre seu irmão Antônio de Cepeda em Iñaquito, Peru.
- 1554 Converte-se perante um Cristo chagado; Os jesuítas instalam-se em Ávila.
- 1556 Confessor: Pe. Baltasar Alvares
- 1557 Morte de seu irmão Rodrigo de Cepeda no Chile; Colóquio com São Francisco de Borja.
- 1559 “Eu te darei o livro vivo”: visões de Jesus Cristo
- 1560 Visão do inferno; Teresa e suas companheiras resolvem fundar o Convento São José conforme a Regra Primitiva do Carmelo; encontro com São Pedro de Alcântara; escreve a primeira Relação.
- 1561 Iniciam os trâmites para a Fundação; 24 de dezembro: ordem para mudar-se para Toledo, casa de dona Luisa de la Cerda.
- 1562 Teresa permanece algum tempo na casa de D. Luísa de la Cerda, em Toledo; 7 de fevereiro: rescrito apostólico autorizando a Fundação; junho: termina a primeira redação do Livro da

- Vida; em 24 de agosto funda o Convento de São José e regressa à Encarnação.
- 1563 Sai do Convento da Encarnação e passa a residir no de São José. Encerra-se o Concílio de Trento.
- 1564 21 de outubro: Primeiras Profissões no Convento São José
- 1565 17 de julho: Bula de Pio IV, pobreza do novo Carmelo; Fernando de Cepeda, seu irmão, morre na Colômbia.
- 1566 Redige Caminho de Perfeição; agosto: visita do Pe. Maldonado, Missionário na Índia
- 1567 18 de fevereiro: Chega a Ávila o Padre Rubeo e dá a Teresa autorização para fundar Mosteiros de Freiras e Frades; 27 de abril: Rubeo concede-lhe autorização para fundar; 13 de agosto: Fundação do Mosteiro de Medina del Campo; primeiro encontro de Teresa com João da Cruz.
- 1568 Redação das Constituições das Carmelitas Descalças; abril: Fundação do Convento de Malagón; 9 de agosto: de Medina; 15 de agosto: de Valladolid; 28 de novembro: João da Cruz funda o primeiro Convento dos Frades Carmelitas Descalços em Duruelo.
- 1569 14 de maio: Fundação dos Conventos de Descalços em Toledo; 22 de junho: fundação do Convento das Monjas em Pastrana; 26 de agosto: nomeação de visitantes dominicanos.
- 1570 1º de novembro: Fundação do Convento de Salamanca.
- 1571 25 de janeiro: Fundação do Convento de Alba de Tormes; torna-se Superiora do Convento de Medina del Campo e em 6 de outubro do da Encarnação.
- 1572 João da Cruz torna-se Capelão do Convento da Encarnação; no final de 1572 e início de 1573 escreve Resposta a um Desafio - Escritos de Santa Teresa d'Ávila; 18 de novembro: Graça do Matrimônio Espiritual.
- 1573 25 de agosto: começa a redação das Fundações em Salamanca.
- 1574 Março: viaja de Alba para Segóvia com São João da Cruz; 19 de março: fundação do Convento em Segóvia; 7 de abril: chega a Segóvia a Comunidade de Pastrana; 6 de outubro: termina no

- Convento da Encarnação o seu mandado de Priora; regresso a São José de Ávila.
- 1575 24 de fevereiro: fundação do Convento de Beas; abril-maio: encontro com Gracián em Beas; 29 de maio: fundação do Convento de Sevilha; julho: Inquisição toma o autógrafo de Vida; 12 de agosto: chega da América a Espanha Lourenço; denunciada à Inquisição de Sevilha.
- 1576 Fundação do Convento de Caravaca por Ana de Santo Alberto; 4 de junho Teresa sai de Sevilha e instala-se no Convento de Toledo. Retoma o livro das Fundações e escreve o Modo de Visitar os Conventos.
- 1577 Janeiro-fevereiro: episódio do Vejámen; 2 de julho: Teresa começa a escrever o Castelo interior, que será terminado em 29 de novembro; 27 de julho: em Ávila, o Carmelo de São José passa à Jurisdição da Ordem; São João da Cruz é raptado na noite de 3 para 4 de novembro. Teresa cai da escada e desloca o braço esquerdo em 24 de dezembro.
- 1578 Morte do Pe. Rubeo, Superior Geral do Carmelo; em Ávila chegam os Breves condenatórios de Segá (23 de julho – 20 de dezembro)
- 1579 6 de junho: quatro avisos aos Descalços; viaja a Medina, Valladolid, Salamanca, Alba, Ávila, Toledo e Malagón; 24 de novembro: chega a Malagón
- 1580 Fundação do Convento de Villanueva de la Jara, 21 de fevereiro. Viaja de Villanueva a Toledo, Madri, Segóvia; 22 de junho: Breve de separação dos Descalços; 26 de junho: morre seu irmão, Lorenço, em La Serna; agosto: gravemente enferma em Valladolid; 20 de dezembro: fundação de Palencia.
- 1581 3 de março: Capítulo de Alcalá; escreve a Relação 6; 3 de junho: fundação de Soria; viaja para Soria, Osma, Villacastin, Ávila; 10 de setembro: Priora no Convento São José, de Ávila.
- 1582 Janeiro: sofrida viagem de Ávila a Burgos; 20 de janeiro: São João da Cruz e Ana de Jesus fundam em Granada; abril: sai a primeira expedição de Carmelitas Missionários para a África; 19

de abril: fundação de Burgos; 26 de julho: deixa Burgos; viagem para Palencia, Valladolid, Medina e Alba de Tormes; 20 de setembro: chega a Alba de Tormes, enferma. 4 de outubro morre em Alba de Tormes (CARMELO NOSSA SENHORA DA ESPERANÇA, 2015).

De Teresa ficaram algumas relíquias. A palavra relíquia tem origem no latim *reliquia* e, que significa resto. É um objeto preservado para efeitos de veneração no âmbito de uma religião, sendo normalmente uma peça associada a uma história religiosa. Podem ser objetos pessoais ou partes do corpo de um santo ou personagem sagrada. Tradicionalmente acredita-se que essas relíquias proporcionam um contato mais direto com o sagrado e podem ter efeitos milagrosos de cura e outras graças, e por isso são dignos de reverência e veneração por parte dos fiéis. As relíquias da santa ainda são procuradas e cultuadas. Os fiéis consideram que as partes do corpo que ficaram incorruptíveis são o sinal da glorificação do corpo, da pureza do santo.

A Igreja estabeleceu três classificações de relíquias:

Primeira classificação – parte do corpo de um santo (fragmento de osso, unhas, cabelo etc.). Temos por exemplo, as relíquias de Santa Teresa D'Ávila, que se encontram na Espanha: conservam-se seu braço e o coração. A Igreja guarda também a língua e a faringe de Santo Antônio de Pádua na Catedral de Pádua, Itália.

Segunda classificação – objetos pessoais de um santo (roupa, cajado, os pregos da cruz, e outros).

Terceira classificação – inclui pedaços de tecido que tocaram no corpo do santo ou no relicário onde uma porção do seu corpo está conservada.

Relíquias de Teresa:

**FIGURA 10 - RELICÁRIO COM O CORAÇÃO DE SANTA TERESA DE JESUS NA IGREJA DO CONVENTO DE ALBA DE TORMES**



**FONTE: CARMELO NOSSA SENHORA DA ESPERANÇA, 2015.**

**FIGURA 11 - BRAÇO ESQUERDO DE SANTA TERESA DE JESUS. CONVENTO DE ALBA DE TORMES.**



**FONTE: CARMELO NOSSA SENHORA DA ESPERANÇA, 2015.**

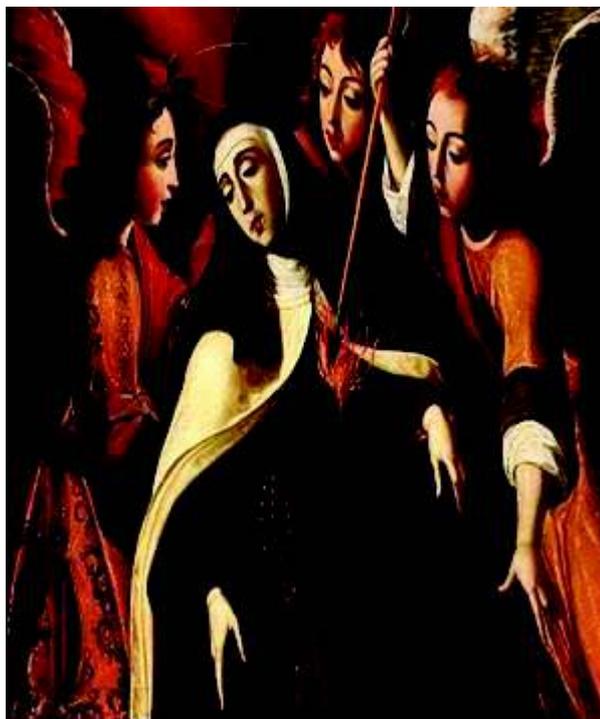
**FIGURA 12 - RELÍQUIA - PÉ ESQUERDO DE SANTA TERESA DE JESUS**



**FONTE: ÓSCAR PARDO, 2017.**

### **2.3 O sagrado e a mística**

**FIGURA 13 – TRANSVERBERAÇÃO DE SANTA TERESA DE ÁVILA.**



**FONTE: BASTOS, 2011.**

Santa Teresa de Ávila nesta obra é apresentada com face pálida e desfalecendo, sendo sustentada por duas personagens angélicas e atingida por uma seta longa, de ponta escura e da qual emana fogo, seta esta empunhada pelo anjo à sua esquerda. O fundo não apresenta paisagem, trata-se de um fundo colorido com gradações. A atenção do espectador foca-se nas quatro personagens representadas, que podem ser inscritas numa forma circular iluminadas através dos métodos bem conhecidos do Barroco, como expressões antagônicas de sombra e luz. Quando seu coração é machucado pelo fogo do amor de Deus, há sempre anjos a consolá-la a sustentá-la com vestes cor de Sol. Um rosário simples de madeira demarca sua cintura. A auréola iluminada representa sua santidade, a qual ela é totalmente entregue e passiva, contorno em que se unem religião e mística.

Para Geertz a religião pode desempenhar algumas funções uma vez que ela fornece nomia social (DURKHEIM, 1977), constrói cosmogonias (ELIADE, 1992), provê legitimação da realidade social e do *status quo* (BERGER, 1985) e sentido às ações sociais (WEBER, 1991). Ela própria é um reflexo da realidade social (MARX, 2004).

Tanto a mística como o místico têm a tradição de se inserirem dentro da narrativa religiosa, no Ocidente e no Oriente, e terminam por serem conhecidos como santos. Os santos passam pela experiência de terror e do fascínio em que um sujeito cheio de humanidade se aproxima do sagrado. “O sagrado é saturado de significado” (LEMOS, 2017), consigo traz um tipo de experiência indescritível que precisa do uso de metáforas para ser explicado e ainda assim permanece inacessível àqueles que não o experienciaram. Desse processo pode nascer uma religião, porque assim nascem as religiões. No momento em que uma pessoa vive e descreve o sagrado e diz o quanto ele mudou toda sua essência, seu cotidiano, outras pessoas procuram imitar os passos pelos quais aquele único passou, com o intuito de conseguir ascender ao sagrado também. Poucas dessas experiências se transformam em religiões, uma vez que não têm força de continuidade. Por fim terminam por serem fusionados dentro das narrativas o sagrado, o místico e a santidade (LEMOS, 2017).

Teresa ao longo de sua vida se aprofundou cada vez mais na vida orante. Um dia perguntou à imagem de Jesus flagelado porque ele sofria tanto e porque quanto mais ela entrava na vida de oração, mas frágil ficava sua saúde? Ao que Jesus lhe respondeu que sofriam ela e Ele porque ela falava demais. A partir daí

começou a vida mística de Teresa. Ela tinha quarenta anos (AZAVEDO, 2015).

“Ninguém toca no sagrado impunemente” (DURKHEIM, 1989), esse sagrado ao ser tocado envia trocas em que o profano deixa rastros e modifica o sagrado e este também modifica o profano através desse contato. O sagrado é o “totalmente outro” (OTTO, 1985, p. 17-22), separado do profano. Por isso mesmo é inacessível e está além da capacidade humana de compreensão. O sagrado é algo que se agrega ao profano. Por isso mesmo é ambíguo. O sagrado se manifesta na vida humana de maneira diferenciada do profano. A manifestação do sagrado é chamada de “hierofania” (ELIADE, 1992, 7-23). Pode se dar em objetos, lugares, espaços ou tempos, tornando-os também sagrados. O sagrado muitas vezes é ligado à religião, e mesmo que aconteça fora dela, a religião é o lugar em que se legitima esse contato (OTTO, 1985, p. 101). O sagrado é antes do bem e do mal. O testemunho dos místicos é de amor, mas de terror também:

O estremeamento é o melhor que há na humanidade. Por mais que o mundo lhe dificulte o sentimento, arrebatado ele sente fundo o assustador...O impulso, instinto e as forças obscuras inconsciente frente ao reconhecimento, a reflexão e ao planejamento inteligente; profundezas psíquicas e sensações místicas na alma e na humanidade, inspiração, pressentimento, intuição profunda, vidências... forças ocultas... busca pelo o inaudito”. “É irracional, tão irracional quanto, por exemplo, a beleza de uma composição, a qual igualmente foge a toda e qualquer análise e conceitualização racional (OTTO, 1985, p. 91).

O amor pelo sagrado é tão forte quanto o medo, temor e fascínio:

Esse receio diante da santidade não é simplesmente o “receio” diante do avassalador por excelência e sua majestade tremenda, perante a qual nada resta se não a obediências cega e receosa. Acontece que este tu solus sanctus não é um rompante de medo, e sim tímido louvor que, além de admitir balbuciando o poder avassalador, reconhece e exalta algo inconcebivelmente valioso. Aquilo que assim é exaltado não é apenas poderoso por excelência, a existir e impor seu poder, mas aquilo que em sua própria essência tem o direito supremo de reivindicar culto, que é exaltado pelo simples fato de ser digno de exaltação: “t és digno de receber louvor e glória e poder (OTTO, 1985, p. 112).

A procura pela santificação, sua querência, fazia com que algumas pessoas como monges, monjas, freiras, buscassem métodos pelos quais pudessem alcançar esse fim com finalidade ao amor de Deus. Esses métodos são conhecidos com ascese. Asceta: palavra que vem do grego, que significa exercícios – são frutos da busca do relacionamento com Deus, são comuns aos que buscam o sagrado pelo qual só se chega ao alcançar pela purificação carnal e mental:

Os santos tornam-se o que não pode jamais pertencer propriamente a potência natural, porque a natureza não possui nenhuma faculdade capaz de perceber o que ultrapassa a natureza. Nenhum aspecto de *théosis* é, de fato, produto da natureza, pois a natureza não pode compreender Deus. Somente a graça divina possui propriamente a faculdade de comunicar a *théosis* aos seres, então a natureza resplandece de uma luz sobrenatural e se acha transportada acima de seus próprios limites” (CONFESSOR *apud* PONDÉ, 2003).

Para ascender ao amor perfeito de Deus algumas práticas eram feitas. As mais conhecidas são:

Contemplação: forma de experimentar a presença de Deus sem o uso das palavras, através de caminhadas, meditações com olhos abertos.  
 Ascetismo: disciplina aplicada ao corpo  
 Misticismo: experiência direta com Deus.  
 Divisão maniqueísta: separa o que é bom e o que é mau.  
 Devotio Moderna: imitar a vida de Cristo.  
 Catarse: purificações do corpo por diversos métodos.  
 Hagiografia: estudo da vida dos santos.  
 Hesicasmo: prática do silêncio.  
 Quietismo: se manter o mais imóvel possível.  
 Apotegmas: esperar em silêncio a resposta de Deus para alguma situação, como uma instrução.  
 Habitar junto a outros monges.  
 Solidão (RABELLO, 2010).

Essas práticas dentro do cristianismo começaram com os antigos padres do deserto e foram copiadas por outros religiosos. Esses eremitas acreditavam que o mundo é mau trazendo sempre tentações e distanciamento de Deus. Escolhiam se afastar da vida comum para orarem e contemplarem. Viviam de ervas, praticavam a meditação, o jejum, a imobilidade, andavam de quatro como os animais. Habitavam principalmente no Egito, Síria e Palestina. Acordavam ainda na madrugada, praticavam silêncio, trabalhavam na horta, tomavam banho gelado, oravam, voltavam ao trabalho até anoitecer, comiam pouco, oravam e faziam buracos no chão para entrarem e relaxarem, eram devotos à natureza:

Exercitem-se sem parar as contemplações místicas, abandone as sensações, renuncie ao intelecto, rejeite tudo ao que pertence ao sensível, ao inteligível, despoje-se totalmente de não-ser e do ser, e eleve-se assim, tanto quanto lhe seja possível, até unir-se na ignorância, com Aquele que está além de toda essência e de todo o saber. Pois é em saindo de tudo e de você mesmo, de modo irresistível e perfeito, que você se elevará num puro êxtase até o raio das trevas da divina Super essência, tendo tudo abandonado e estando despojado de tudo (PSEUDO-DIONÍSIO *apud* PONDÉ, 2003).

Todo esse sacrifício é para o renascimento do ser, a passagem do humano para o sagrado, sua divinização. Os que se dão em sacrifício creem que têm a glória do paraíso, da eternidade divina. Muitas vezes vem acompanhado de sofrimento e martírio desde que seja violento: como as perdas de Jó, o assassinato de Isaac, as feridas de Lázaro ou a crucificação de Pedro. Através da mortificação se dá a separação do humano, seu renascimento, a passagem à santidade (MAUSS; HUBERT, 2017).

A mortificação e o sacrifício são os efeitos da junção do imaginário com o simbólico, modificado pelo *tremendum*, *fascinium* diz Lacan que dilacera toda a subjetividade que se põe em sacrifício (LACAN, 1964).

No cristianismo o martírio é um marco de fé, um testemunho de amor a Jesus que também foi imolado em nome dos pecados da humanidade. Este serviu de exemplo do que é ser bom, justo e tudo o mais que deve ser seguido pelos humanos. O calvário, o sacrifício eram um modo de dar testemunho de fé. Uma fé que resiste as mais terríveis torturas. [...] o fundamento mágico essencial da salvação é o sacrifício de “morte-renascimento”, O sacrifício do deus que morre para ressuscitar. Os símbolos do deus de salvação, por si só, são suficientemente eloquentes: [...] Jesus é também o Cordeiro pascal, cujo sacrifício, segundo a lei mosaica, consagra a “passagem” (RAMOS, 2008).

Esses ritos sacrificiais são antigos, já eram praticados na Suméria, Egito, Grécia e foi incorporado pelo cristianismo: “morte voluntária” em que o sagrado é revelado. O escolhido é um iniciado nos mistérios se tornando outra pessoa, foi o que ocorreu com Teresa após sua longa enfermidade, ela se deixa de ser “Ávila” para ser “de Jesus”. Para Fantacussi após a iniciação o sujeito não constitui simplesmente um “recém-nascido” ou um “renascido”, é um ser que sabe, que conhece os mistérios, que “teve revelações de ordem metafísica”. Os rituais incluíam uma relação de amor física e insólita com o seu deus. Todos os sacrifícios eram na intenção da intimidade e na transmutação (FANTACUSSI, 2007).

Teresa dormia em cama de pedra, passava frio, os pés sangravam descalços, fazia jejuns intermináveis e trabalhava incessantemente na construção de mosteiros, na doutrinação de outras pessoas, se chicoteava como uma expurgação aos desejos da carne, se maldizia, descrevendo-se a si como a pior das criaturas. Tinha em seus últimos anos de vida as marcas de cravos descritos na Bíblia, nas mãos e nos pés, um fenômeno chamado estigma:

Estando eu na Encarnação, no segundo ano do meu priorado, na oitava de S. Martinho, indo eu a comungar, o Padre Frei João da Cruz – que me ia dar o Santíssimo Sacramento – partiu a Hóstia para outra irmã. Pensei logo que não era por falta de partículas, mas sim que me queria mortificar; porque eu tinha-lhe dito que gostava muito quando as Hóstias eram grandes, (não porque não entendesse que não importava para o Senhor lá estar inteiro, ainda que fosse muito pequeno o pedacito). Disse-me Sua Majestade: “Não tenhas medo, filha, que alguém tenha poder para te apartar de Mim”. Dando-me a entender, assim, que isso não importava. Representou sê-me, então, o mesmo Senhor, como de outras vezes, por visão imaginária, muito no interior, e deu-me a Sua mão direita, dizendo-me: “Olha este cravo; é sinal de que serás Minha esposa de hoje em diante. Até agora não o tinhas merecido; de aqui em diante zelarás e olharás pela minha honra não só como Criador, como Rei e teu Deus, mas como verdadeira esposa Minha. Minha honra já é tua e, a tua, Minha”. Fez tanto efeito, em mim, esta mercê que eu não podia caber em mim. Fiquei como que desatinada e disse ao Senhor: ou que alargasse a minha baixeza ou não me fizesse tanta mercê, que certo não me parecia podê-lo sofrer o meu natural. Estive, assim, todo o dia muito embebida, tendo sentido, depois, grande proveito e maior confusão e aflição, ao ver que em nada correspondo a tão grandes mercês (D’ÁVILA, 2005).

“Minha honra já é tua e a tua já é minha” como escrito acima, é o casamento místico. A troca fanática e fantástica entre os personagens fala muito do amor cortês que nasce como um conceito medieval em que há a troca do que se é pelo desejo de veneração do outro. Em que o sujeito já não sabe mais nada, já não pensa mais nada, nem respira mais nada além do seu objeto de amor. Teresa passou então pela transverberação que é o estado de reverberar, transluzir, revelar, coar a, refletir a luz do verbo e ensina a conjugar Deus como um verbo. Nesse termo é também conhecido como transverberação:

1. Dirige a Deus cada um dos teus atos; oferece-os e pede-lhe que seja para Sua honra e glória;
2. Oferece-te a Deus cinquenta vezes por dia, e que seja com grande fervor e desejo de Deus;
3. Em todas as coisas, observa a providência de Deus e Sua sabedoria, em tudo, envia-Lhe o teu louvor;
4. Em tempos de tristeza e de inquietação, não abandone nem as obras de oração, nem a penitência a que está habituado. Antes, intensifica-as, e verá com que prontidão o Senhor te sustentará;

5. Nunca fale mal de quem quer que seja, nem jamais escute. A não ser que se trate de ti mesmo. E terá progredido muito, no dia em que se alegrar por isso;
6. Não diga nunca, de você mesmo, algo que mereça admiração, quer se trate do conhecimento, da virtude, do nascimento, a não ser para prestar serviço. Mas então, que isso seja feito com humildade, e considerando que esses dons vêm pelas mãos de Deus;
7. Não veja em você senão o servo de todos, e em todos contempla Cristo Nosso Senhor; assim O respeitará e O venerará;
8. A respeito de coisas que não lhe diz respeito, não se mostre curioso, nem de perto, nem de longe, nem com comentários, nem com perguntas;
9. Mostrai sua devoção interior só em caso de necessidade urgente. Lembra do que diziam São Francisco e São Bernardo: “Meu segredo pertence a mim”;
10. Cumpra todas as coisas como se Sua Majestade estivesse realmente visível; agindo assim, muito ganhará a sua alma;
11. Que seu desejo seja ver Deus. Seu temor, perdê-Lo. A dor, não comprazer na Sua presença, a satisfação, o que pode conduzi-lo a Ele. E viverá numa grande paz (11 CONSELHOS DE SANTA TERESA PARA UMA VIDA DE ORAÇÃO, 2016).

#### **2.4 As e os Carmelitas Descalços hoje**

O Carmelo Descalço, ordem hoje constituída por homens e mulheres, reconhece Santa Teresa como mãe e fundadora. É a única Ordem que teve como fundadora uma mulher.

No Brasil colonial, seus escritos e sua imagem sobreviveram como A Ordem Terceira do Carmo, nos estados da Bahia, Sergipe e Pernambuco onde existem os vestígios da clausura ainda hoje. Na continuidade de sua história em 1567, com 52 anos, Teresa criou a ordem das Carmelitas Descalças, na cidade de Medina Del Campo, que tinha como símbolo o uso de sandálias. Com a permissão de superiores religiosos e políticos e com o patrocínio de nobres da sociedade

espanhola, o intuito de Teresa e dos demais reformadores foi criar o maior número de fundações para levar os novos ideais a todos.

O movimento vem amentando desde seu nascimento na Espanha crescendo principalmente na América, Ásia e África. A ordem divide-se em: Províncias, Semi-províncias, Comissariados e Delegações gerais.

São vinte os carmelitas que foram ordenados como bispos. A Província com maior número de membros é a de Manjummel com 263 frades e a que tem menos membros é a de Holanda com 17 religiosos.

As carmelitas descalças é um Instituto religioso de carácter estritamente contemplativo, cujos membros participam no carisma de Santa Teresa de Jesus. As carmelitas descalças são chamadas à contemplação, tanto na oração como na vida.

Para assegurar as adequadas condições de vida e “clima de oração” específico, os e as carmelitas descalças escolhem a separação radical do mundo na forma de clausura papal, a solidão e silêncio. Desta maneira cuidando a autêntica liberdade do espírito e do corpo, dedicam todas as suas forças ao encontro nupcial com Deus na Eucaristia diária, na Liturgia das Horas, na meditação. A profunda experiência de Deus converte-se no fundamento do apostolado.

Na vida quotidiana as monjas se unem em oração e no trabalho manual. Este trabalho inclui tanto as tarefas domésticas comuns, como as formas específicas de atividade encaminhada a obter fundos para o sustento como por exemplo: fabricar hóstias, bordar ornamentos litúrgicos ou realizar ícones.

As carmelitas descalças escondidas no silêncio do mosteiro e aparentemente desconhecidas para o mundo, estão presentes em toda a terra. Segundo os últimos dados estatísticos são 11 500 monjas. São a Ordem feminina de Clausura mais numerosa do mundo católico. Quase 750 mosteiros que se encontram em 98 países.

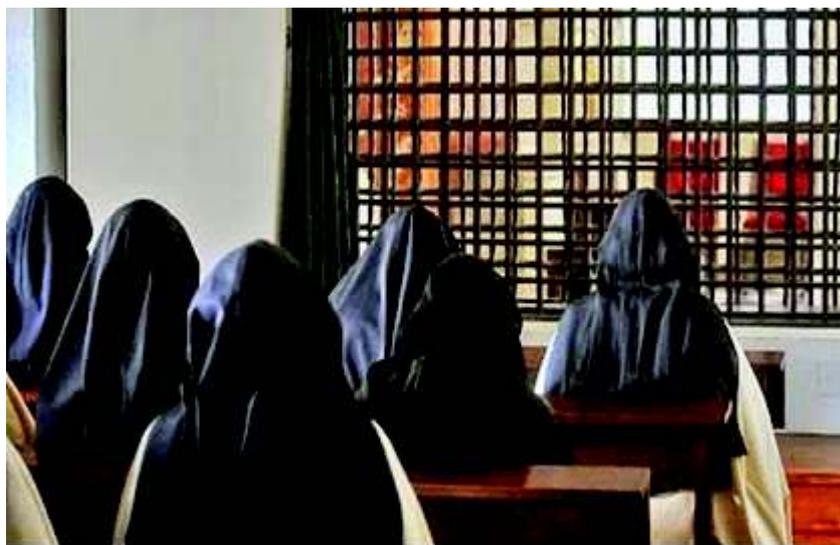
As numerosas e novas vocações permitiram abrir novas fundações em Vietnã, Filipinas, Indonésia, México, Brasil, Argentina, Colômbia, Madagáscar, República Democrática do Congo, Polónia, Croácia e em alguns países da antiga União Soviética. Na Europa estão especialmente na Espanha, França e Itália. Muitas comunidades sofrem por falta de novas vocações.

**FIGURA 14 - AGRADECIMENTOS A DEUS, À COMUNIDADE, À FAMÍLIA, AMIGOS E BENFEITORES DO CARMELO**



**FONTE: ORDEM CARMELITAS DESCALÇOS, [s.a.].**

**FIGURA 15 - CARMELITAS DESCALÇAS A ESPERA DA MISSA**



**FONTE: ORDEM CARMELITAS DESCALÇOS, [s.a.].**

As fotos das Carmelitas são apenas ilustrações da rotina e do espaço em que essas reclusas escolheram viver, preservando um estilo de vida ainda

semelhante ao que Teresa deixou.

As pinturas inspiradas em Teresa são muitas no Brasil são: Santa Teresa de Jesus recebe inspiração divina para ler; Teresa é abençoada pela Virgem Maria na presença da Santíssima Trindade; o Êxtase ou a Transverberação de Santa Teresa; Santa Teresa de Jesus recebe inspiração divina para escrever; Santa Teresa de Jesus tem a visão da Pomba estranha; Nossa Senhora do Carmo protege os carmelitas, dentre eles, Santa Teresa e São João da Cruz; Santa Teresa tem a visão do Cristo atado à coluna; Teresa tem a primeira visão da Pomba do Espírito Santo; Santa Teresa de Jesus é mestra de oração das monjas carmelitas; Santa Teresa de Jesus recebe comunhão de sacerdote”. Essas pinturas estão espalhadas pelo Brasil e ajudam a compreender seu sistema de ideias e a disseminar a história da santa (ORAZEM, 2011, p. 7-15).

### CAPÍTULO 3 – O EROTISMO

FIGURA 16 - PSIQÜÊ REANIMADA PELO BEIJO DE AMOR DE ANTÔNIO CÁNOVA. MUSEU DO LOUVRE (1757-1822)



FONTE: CASANOVA, 1787-1793.

Psiquê reanimada pelo beijo de amor de Canova de 1787. A narrativa mitológica traduzida em mármore traz uma mensagem de amor e vida eterna, sofrimento e perdão, que bem caberia a uma passagem bíblica, embora o conjunto da obra ofereça, ainda, uma forte carga erótica. Canova escolheu o momento exato do resgate da mortal pelo deus enamorado. A distância entre os rostos dos amantes acentua a carga emocional. Cria-se a sensação de suspensão do tempo, o que emerge do beijo, do beijo final. O manto que recobre as pernas de Psiquê parece mais delicado do que o drapeado que se encontra sob o seu corpo esguio, feminino e charmoso. O requinte máximo de alisamento foi dedicado ao rosto dos amantes, dando a impressão de uma carnação vívida. Já a superfície do vaso que ela trouxe do inferno se apresenta tão convincente que chega mesmo a sugerir algo de metálico. As asas construídas em separado e atadas às suas costas, mostram-se translúcidas, quando submetidas ao foco luminoso. Muito além da ilusão visual da musculatura destes personagens nus, sensuais e atléticos, a obra nos oferece ainda um notável efeito de ilusão táctil (PROJETO HUMANARTE, 2015).

Lacan (1992) em seu Livro 8, *A Transferência*, fala sobre Eros, o erotismo, *O Banquete* de Platão e outros mitos que falam de amor. Tomarei aqui o discurso do *Banquete* e o mito de Eros e Psiquê.

Na psicanálise os mitos são realidades frequentes para falar da dinâmica humana, já que o logos ainda não deu conta de metaforizar a dinâmica psíquica.

Um dos mitos exemplificados é narrado por Apuleio<sup>2</sup>. Ele conta que Eros o deus do amor, filho de Afrodite deusa da beleza, se apaixonou pela mortal Psiquê. Esta era tão bela que despertou a fúria da deusa que não aceitava que os homens pudessem idolatrar uma simples mulher.

Afrodite ordenou que Eros ferisse a jovem com sua flecha para fazê-la sofrer por amor, mas ao vê-la ele acabou apaixonado. Acredita-se que ele se feriu sem querer. Psiquê em idade de se casar não se interessava por ninguém e vivia em estado de apatia. A cidade via com admiração e desprezo a beleza de Psiquê e o convenceram a dá-la em sacrifício para aplacar a fúria de um monstro que queria arrasar o local.

Ao ser amarrada numa pedra em alto mar para que o monstro viesse devorá-la foi salva por Eros que não pôde deixar acontecer a condenação. Desmaiada Psiquê não viu o rosto e nem soube quem a salvou. Ao acordar estava sozinha num palácio suntuoso com um banquete a sua espera.

Toda noite uma voz a chamava, falava com ela e ela se entregou ao amor do dono dessa voz mesmo que nunca pudesse ver seu rosto ou sua forma. Os dias se passavam e Eros dizia para ela que continuasse a se servir de seu amor, mas na condição de mistério, não queria revelar que era um deus, que não era humano e essa era a exigência: de que ela não o visse nunca. E assim ela prometeu a ele que assim faria pois o amava.

Depois de um tempo Psiquê pede para ver suas irmãs de quem sentia muita saudade. Estas ao observarem o espetáculo de sentidos em que a irmã vivia e o amor que transbordava, sentiram inveja. A convenceram com um falso alento e com ares de cuidado de que a noite ao ser visitada por Eros, assim que ele dormisse, que pegasse uma candeia e olhasse para ver a sua forma, porque assim elas matariam sua curiosidade e destruiriam o pacto de amor estabelecido por eles.

---

<sup>2</sup> APULEIO, Lúcio: Lucius Apuleius nasceu em Madaura, na atual Argélia, c. 125 - Cartago, c. 170) foi um escritor e filósofo médio platônico romano.

Ao se aproximar do amado com a luz em suas mãos ficou admirada de sua beleza, mas deixou óleo fervente pingar em suas asas. O amor foi ferido. Eros percebeu que fora traído e fugiu desacreditando no amor. Ele enlouqueceu. Psiquê se viu em estado de extrema dor e solidão e faria qualquer coisa para recuperar Eros de volta e ter sentido de novo em viver.

Psiquê volta para a casa dos pais onde reencontra as irmãs que fingem piedade para com ela que caminha noite e dia sem repouso nem alimentação. Ao avistar um belo templo no cume de uma montanha crê que seu amor está no ponto mais alto. Ela vai até o lugar com grande esforço. Ao aproximar-se depara-se com ramos de trigo, centeio, uvas e ferramentas de trabalhar a terra. Psiquê fica ali e organiza todos os instrumentos e alimentos. O templo pertencia a deusa Deméter, grata pelo favor da bela moça lhe diz o que fazer para reconquistar seu amor e diz que primeiro ela precisaria conseguir o perdão da sogra Afrodite.

Afrodite a manda realizar vários rituais em seu favor, adorá-la, reconhecê-la como mãe, criadora e cuidadora de Eros. Depois de toda a penitência houve um diálogo em que Afrodite convence o filho do amor e da inocência de Psiquê. Com as vestes douradas como a do esposo que antes eram brancas, e já mais madura, ela o toma e ele a ela como partes de si mesmos.

No caminho os dois personagens se fundem: o divino em humano e o humano em divino, passagem e gozo “entre-duas-mortes”, a dele e a dela. Ponto em que se articulam prazer e dor e tem a beleza como seu último ponto de referência, “luto imortal” que está na origem do sentido de desejo, de angústia e de imortalidade: Não nos enganemos nesse ponto. A temática dessa linda história de Psiquê não é a do casal. Não se trata das relações entre homem e mulher... o que está escondido em primeiro plano – nada além das relações entre a alma e o desejo” (LACAN, 1992).

### **3.1 O Erotismo e o Amor**

“O proveito da alma não consiste em muito pensar mas em muito amar” (D’ÁVILA, 1984).

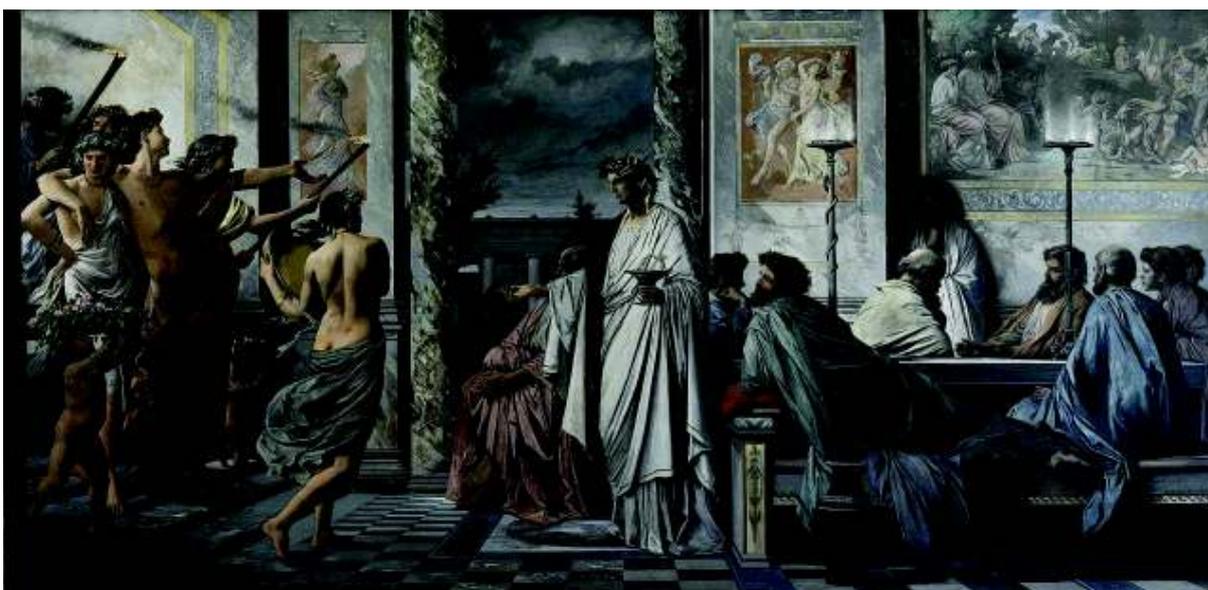
O amor é um tema muito caro à psicanálise. Eros é um deus nascido depois do Caos, um vínculo frente ao qual “qualquer esforço humano se quebra”.

Nele que se baseia todo o tratamento psicanalítico. Lacan diz que no princípio foi o amor que nasceu entre um homem e uma mulher: Breuer e Anna O., “é o nascimento da clínica” (VERANO, 2012.), porque só contamos os nossos segredos a quem amamos e quando há naquele lugar da escuta, alguém com a técnica de escuta, que escute o que eu digo quando eu digo algo. Isso pode causar milagres. A cura pela fala sempre trata de uma história de amor: “Que encontro será esse? Trata-se ali de dois sujeitos, cada um com seu sintoma” (VERANO, 2007, p. 51), tem amor nisso.

Para a psicanálise o amor faz vínculos eróticos sexualizados ou não. O erotismo é o que une, enlaça e faz amor. A relação sexualizada é apenas uma parte do amor erótico. O erotismo é a possibilidade de afeto e preservação da vida: a palavra erótico destinada a suavizar a afronta, ao final nada mais é do que a tradução da palavra alemã *liebe* (amor).

Freud retira seu conceito de amor de Platão, do Banquete e relaciona o amor ao erotismo, apesar do amor na teologia ter vários significados diferentes. Para a psicanálise o amor é Eros, referência de amor e de pulsão de vida. Eros e Tanatos, disse Freud são duas posições do inconsciente, pulsão de vida e de morte.

**FIGURA 17 - O BANQUETE DE PLATÃO, REPRESENTADO POR ANSELM FEUERBACH (1873), ALTE NATIONALGALERIE, BERLIM**



**FONTE: FEUERBACH, 1873.**

O Banquete de Platão, representado por Anselm Feuerbach em 1873, na

pintura de formato monumental com 295 cm de altura e 598 cm de largura. A cena ocorre em Atenas, em 416 a.C. Na sala de banquetes da casa do poeta, decorada, no fundo, de dois afrescos de Pompeia e um grande afresco dionisíaco. Entre os afrescos, a sala se abre no céu noturno e no peristile emoldurado por duas colunas. À esquerda, é aberto numa entrada que atravessa em uma débil inclinação decrescente uma vasta escada com amplos passos. A sala está decorada apenas à direita, a mesa imaculada sobre a qual se colocam dois grandes candelabros e em frente ao qual vemos um dos bancos e um único frasco colocado no chão. A cena é pontuada por três grupos de caracteres: à esquerda, no quadro da entrada, Alcibíades, escoltado por duas erotas e cinco companheiros e parecendo cumprimentar Agathon; Agathon, o personagem central da pintura, compõe um grupo, separando-se de seus convidados; dá boas-vindas aos recém-chegados; finalmente à direita, os oito convidados do poeta, sentados em sua mesa e ao lado de Sócrates, que dá as costas aos que chegam. Os personagens do grupo de Alcibíades estão usando hera trançada e avançam nos amplos degraus da entrada, iluminados por tochas queimadas por dois deles. Alcibíades, em uma pose lânguida que denotou a embriaguez, nua na virilha direita, a toga mal mantida no quadril esquerdo, apoiada por sua companheira pensativa e tão ligeiramente vestida, executa um gesto teatral do braço esquerdo na direção de Agathon, ou talvez de Sócrates. Os convidados do poeta, com as pernas abertas, sentam-se positivamente ao redor da mesa envolvidos em suas vestes. O afresco acima da mesa é uma cena do casamento de Ariadne e Dionísio. As sombras de cinza dominam a cena: tons cinzentos de telhas de pavimento, paredes de moiré cinza, nuvens cinzentas no céu acima da pedra cinza, decoração verde cinza de colunas. Até os afrescos do esfumato, parcialmente obscurecidos pela luz fraca ou pela luz das tochas e candelabros, e a cor cinza das roupas dos personagens. Alguns pontos de luz sublinham, à direita da pintura, as costas e a cabeça calva de Sócrates, uma panela da toga do personagem que está de frente para ele, as chamas brancas do candelabro e o topo da mesa, à esquerda das costas e as pernas do dançarino, o perfil e o braço de Alcibíades descansando no ombro de seu companheiro, e finalmente a testa, a palma da mão direita e a brancura da toga de Agathon no centro da pintura. Alguns pontos de amarelo ainda iluminam a cena: os frisos que enquadram o fresco e a entrada, as fitas do vestido de Agathon, a manga das roupas de um companheiro de Alcibíades, as chamas das tochas, A borda do apoio

de braço do banco” (BESSA, 2007).

No Banquete de Platão são relatadas as múltiplas faces de Eros, o tema amor vem composto por discursos, diálogos e mitos. São narrativas sobre a origem de Eros que fazem sentido ainda hoje. O texto Fedro apresenta Eros como o mais antigo dos deuses, sem genitor, nasce ao mesmo tempo que a Terra, ambos são fundamento e sustentação para o lugar em que viverão os homens.

Lacan diz que o Banquete era um tipo de rito da elite que por se evocar o amor transgredia as leis, as tradições, a religião, se tornando “missa negra”, traz um clima de sensualidade permanente, insistente, “[...] é dessa dimensão do falar que temos sede” (NOVAES, 1987).

O rito do Banquete foi feito na noite de um tempo em que a noite era muito escura, tão escura que não se podia reconhecer quem toca nossa mão. O amor é uma “mão que se estende para pegar o fruto [...] mas quando nesse momento de pegar sai uma mão que se estende ao encontro de outra mão [...] então aí se produz o amor [...] a mão que surge do outro lado é o milagre que transforma o amado em amante (LACAN, 1992, p. 33).

No discurso de Pausânias o amor é separado em duas categorias: o popular, inclinado à carne e disposto à relação entre homem e mulher, e o celestial que é o amor entre dois homens, amor cheio de sabedoria, reflexão.

Exímaco concorda com o caráter dúbio do amor e acrescenta que em ambas circunstâncias o importante é manter a temperança e a moderação, do contrário o amor pode gerar excessos, doenças, pestes, maldições e desgraças de todo tipo.

Aristófanes diz que no princípio havia três gêneros: masculino, feminino e andrógeno. Os corpos humanos eram esféricos e eram ligados em pares de dois. Como castigo a soberba dos homens, os deuses separaram esses corpos para que eles sentissem a partir daquele momento a condenação do vazio, da solidão e da falta eternas. Os corpos vagariam para sempre em busca de sua metade e a cada outro que se encontrasse pela vida os corpos iriam se abraçar na tentativa de reencontro daquele que fora para sempre perdido. Finalmente, o discurso de Sócrates é baseado em Diotímia que lhe ensina que o amor é o intermédio entre os deuses e homens. Eros é um ser entre os mortais e imortais. Sua função de interpretar e transmitir, é característica que vêm de sua origem: filho de pobreza e de prudência, da mãe herdou a fome e a carência, do pai os recursos dos quais supria

suas necessidades. Entre apetência e aptidão Eros é filósofo, portador do amor à sabedoria que não possui e marcado pelo desejo de possuí-la. Lugar entre sabedoria e ignorância, distância entre corpo e alma.

O amor seria força erótica, libido direcionada a um objeto, sem essa força não haveria vida humana. Dela deriva todo tipo de comportamento, mas a psicanálise trabalha com os elementos de sua primeira natureza: fome e amor, a partir desses elementos é que serão constituídos os comportamentos de segunda natureza como as psicopatologias e todos os comportamentos. Por isso é um método negativo em que não se busca a cura (mesmo que ela aconteça) e sim possibilidade de fazer falar o sujeito do inconsciente, desaliená-lo de si próprio, em alguns casos negado, em outros esquecido, recalcado, reprimido para que se torne o paciente mais capaz de bendizer o seu jeito de fazer dor e prazer com a sua subjetividade vivida dentro da cultura (GAY, 1995).

Em 1914, no texto *Introdução ao Narcisismo*, Freud (2010) diz que o sujeito desiste de si em favor do outro está sempre passível, passivo, apaixonado, doente: “Um egoísmo forte constitui uma proteção contra o adoecer, mas, num último recurso, devemos começar a amar a fim de não adoecermos, e estamos destinados a cair doentes se, em consequência da frustração, formos incapazes de amar [...] Há várias formas de amor (FREUD, 2010, p. 59; 60).

Do amor narcísico o sujeito busca:

- o que ela própria é,
- o que ela própria foi,
- o que ela própria gostaria de ser,
- alguém que foi uma vez parte dela mesma.

Do amor de ligação:

- o homem busca a mulher que a alimenta,
- a mulher busca o homem que a protege.

Quando a libido está voltada para o próprio ego o amor é conceituado como narcísico primário, é o momento em que o bebê, mas isso pode ocorrer em qualquer fase do desenvolvimento, volta sua libido especialmente para seu corpo e suas necessidades. Mais tarde o ego se volta para um objeto de amor fora de si

mesmo que é a mãe ou a pessoa que cuida de suas necessidades básicas de higiene, afeto e alimentação. O bebê vê esse outro como extensão dele mesmo, de seu corpo, semelhante ao que ele é, esse amor está na categoria de narcisismo secundário.

Posteriormente o laço afetivo se fará com outra pessoa que se pareça com ele, com o que ele já foi, com o que ele é, ou de como gostaria de ser, é a reatualização dos primeiros vínculos. O objeto amado se torna o ideal de ego.

Quando a libido volta sua energia para um objeto externo de amor ela joga parte de sua energia psíquica nesse objeto. Nos casos de amor não correspondido o ego sofre um forte esgotamento porque muito de sua energia está voltada para um objeto externo que não o gratifica. A reestruturação do ego só poderá ser refeita na medida em que a libido voltar a reinvestir sua energia dentro do próprio ego ou em outro contorno de satisfação capaz de sublimação como o trabalho, arte ou esportes por exemplo. Quando o amor é correspondido a sensação de satisfação anula a diferença entre o sujeito e o objeto: “a libido objetual e a libido do ego não podem ser distinguidas” (FREUD, 2010, p. 64).

O objeto de amor é chamado de ideal de ego porque o sujeito constrói uma fantasia em cima daquele um, em que projeta todo o seu ideal, seja ético, romântico, narcísico ou sexual: “excelências que desejo ter”. O amado é aquele que possui o que falta ao ego do amante e que satisfaz as suas necessidades infantis de alimento e/ou proteção: “...de todos na multidão encontro um... ele define a especialidade do meu desejo” (BARTHES, 2012, p 86).

A energia para o vínculo do amor vem sempre da libido. Ela é a energia sexual que se esvai para o outro numa relação pode ser sexualizada ou não. Dessa força se faz a transferência, nome dado para o laço afetivo que acontece entre paciente e analista. É um conceito importante porque através dele há a identificação de figuras de autoridade como líderes políticos, religiosos, professores e Deus. Quando não há a relação sexual (FREUD, 2010, p. 62) e o amor fica somente no plano da fantasia ou funciona por identificação sem nenhuma mediação com a realidade como no caso de políticos, atores, líderes midiáticos, religiosos, o amor fica sem nenhuma possibilidade de crítica e mesmo inconsciente a identificação possui força. Nesses casos há a alienação subjetiva e social.

Nos casos de amor em que há a relação sexual a energia psíquica investida no objeto tende a diminuir após a gratificação sexual e se ali há a

identificação, o sujeito continua a amar o objeto também nos intervalos sem desejo.

Quando o objeto não pode ser amado carnalmente ele toma proporções de fantasia e dentro dessa ilusão ainda está o amor sensual, mas nesse caso a libido imanta o objeto de amor de valores espirituais, imateriais, morais. É o que o Freud chama de idealização. A libido transborda, o enamoramento cresce ainda mais e a satisfação sexual pode ser adiada (ROUANET, 1986).

Quanto maior a idealização e a identificação do ego com o objeto, mais afetado se torna o sujeito apaixonado. Como o afeto é em sua maior parte inconsciente, a racionalidade e os mecanismos de defesa que são instrumentos de proteção do sujeito se enfraquecem, o amor pelo objeto amado perde a medida e se comete até um crime em nome desse tipo de amor, diz Freud (2010). O instinto de autopreservação do amante enquanto agente do amor se torna modesto, disposto ao auto sacrifício e o amado se torna “sublime”, toda “crítica” se cala, não há espaço para a razão. A esse tipo de enamoramento Freud dá o nome de “fascínio” e “servidão”. No fascínio há a completa identificação entre o eu e o objeto de amor, no segundo há o esvaziamento severo do próprio eu (FREUD, 2011):

Morro por que não morro

Vivo sem viver em mim,  
 E tão alta vida espero,  
 Que morro porque não morro.  
 Vivo já fora de mim,  
 Desde que morro d'Amor  
 Porque vivo no Senhor  
 Que me escolheu para Si;  
 Quando o coração Lhe dei  
 Com terno amor lhe gravei:  
 Que morro porque não morro.  
 Esta divina prisão  
 Do grande amor em que vivo,  
 Fez a Deus ser meu cativo,  
 E livre o meu coração;  
 E causa em mim tal paixão  
 Ser eu de Deus a prisão,  
 Que morro porque não morro.  
 Ai que longa é esta vida!  
 Que duros estes desterros!  
 Este cárcere, estes ferros  
 Onde a alma está metida.  
 Só de esperar a saída  
 Me causa dor tão sentida,  
 Que morro porque não morro.  
 Ai, que vida tão amarga  
 Por não gozar o Senhor!  
 Pois sendo doce o amor,  
 Não o é, a espera larga;

Tira-me, ó Deus, este fardo  
 Tão pesado e tão amargo,  
 Que morro porque não morro.  
 Só com esta confiança  
 Vivo porque hei de morrer.  
 Porque morrendo, o viver  
 Me assegura a esperança;  
 Morte do viver s'alcança;  
 Vem depressa em meu socorro,  
 Que morro porque não morro.  
 Olha que o amor é forte;  
 Vida, não sejas molesta,  
 Olha que apenas te resta  
 Para ganhar-te o perder-te;  
 Vem depressa doce morte  
 Acolhe-me em teu socorro  
 Que morro porque não morro.  
 Do alto, aquela vida  
 Que é a vida prometida,  
 Até que seja perdida  
 Não se tem, estando viva;  
 Morte não sejas esquiva;  
 Vem depressa em meu socorro,  
 Que morro porque não morro.  
 Vida, que possa eu dar  
 A meu Deus que vive em mim,  
 Se não é perder-te enfim,  
 Para melhor O gozar?  
 Morrendo O quero alcançar,  
 Pois nele está meu socorro  
 Que morro porque não morro (D'ÁVILA, 2002).

Freud diz que essa é a condição e o estado da hipnose: “um estado ainda não compreendido”, “místico”, semelhante ao “terror que há entre” os animais. Esse também é o mesmo amor depositado no líder pela sua massa (FREUD, 1976).

O sujeito se identifica de tal modo com o objeto de seu amor que o engole, o absorve como parte de si mesmo, se apaga e ascende o objeto de amor em seu lugar. A partir desse momento o sujeito já esvaziado de si pode tentar reagir e assumir uma nova postura, tentar se diferenciar novamente do objeto assimilado, no entanto como o lugar do eu foi totalmente tomado, a cada vez que o sujeito tenta se separar do objeto, negá-lo, diminuí-lo, ele faz o mesmo processo com o próprio ego, ou seja, ao invés de eliminar o amor ele se destrói a si mesmo. A esse aniquilamento Freud dá o nome de Melancolia, por isso a melancolia é tão perigosa, leva ao suicídio e expande do limite da neurose para a psicose (FREUD apud CARONE, 2016).

O amor é uma metáfora de substituição, algo que o amado tem, ainda que em fantasia, mas não sabe que tem. Metáfora do Um (a), objeto que está para

sempre perdido. O amor também é metáfora do sonho como no caso de Orfeu que é autorizado a ver Eurídice apenas como vulto, uma miragem, um fantasma que ao cair o véu se desfaz a imagem. Se esse tipo de amor fosse possível ela voltaria do mundo dos mortos (LACAN, 1992, p. 52).

O amor é um cenário em que se joga luz na penumbra, jogo em que se espelha aquilo que é o desejo, afasta-se os móveis, retira-se o que está atrapalhando, equilíbrio sem chão. Se desorganiza o jogo da vida para se montar um cenário em que caiba o amante e o amado, só a neutralidade fica sem lugar: "...um exército ideal... na medida em que o amado para o amante são eminentemente suscetíveis de representar a mais alta autoridade moral, aquela diante da qual não se pode ser desonrado. Essa noção alcança, no seu ponto extremo o amor como princípio do sacrifício humano" (LACAN, 1992, p. 52).

### 3.2 O Gozo Feminino suporta a face de Deus

Nas mãos de Deus

Sou vossa, sois o meu Fim:  
Que mandais fazer de mim?

Soberana Majestade  
E Sabedoria Eterna,  
Caridade a mim tão terna,  
Deus uno, suma Bondade,  
Olhai que a minha ruindade,  
Toda amor, vos canta assim:  
Que mandais fazer de mim?  
Vossa sou, pois me criastes,  
Vossa, porque me remistes,  
Vossa, porque me atraístes  
E porque me suportastes;  
Vossa, porque me esperastes  
E me salvastes, por fim:  
Que mandais fazer de mim?

Que mandais, pois, bom Senhor,  
Que faça tão vil criado?  
Qual o ofício que haveis dado  
A este escravo pecador?  
Amor doce, doce Amor,  
Vede-me aqui, fraca e ruim:  
Que mandais fazer de mim?

Eis aqui meu coração:  
Deponho-o na vossa palma;  
Minhas entranhas, minha alma,

Meu corpo, vida e afeição.  
Doce Esposo e Redenção,  
A vós entregar-me vim:  
Que mandais fazer de mim? (D'ÁVILA, 2002)

O amor é a tentativa de dois fazer um: “Eros, será ele tensão para Um?”, “o amor vem em suplência à relação sexual”. Eros é busca de completude, de se chegar à fusão. O enlace amoroso sempre leva a repetição porque a fusão é impossível, ela não se dá na relação sexual, “A relação sexual não existe”, porque de dois não se faz um. Do fruto dessa tentativa de substituir o fracionado pelo inteiro, o faltante tenta tamponar a falta, o buraco. O gozo tenta suplantar esse hiato (LACAN, 1985, p. 08).

O gozo é justamente essa repetição, ensaio de acabar com a hiância, de tamponar a falta. Essa falta se encontra na linguagem, no amor, no corpo. No corpo da mulher em especial essa falta fica especialmente evidenciada. Em algumas culturas pode se aprender que o macho com o órgão fállico seria mais todo que a mulher. O órgão masculino é o que para Lacan impede que o homem chegue a gozar do corpo na mulher. Por ser furada, fisicamente faltante e se saber assim, sem a ilusão de ser toda, a mulher teria um gozo amais: “o gozo fállico é o obstáculo pelo qual o homem não chega, eu diria, a gozar do corpo da mulher, precisamente porque o de que ele goza é do gozo do órgão” (LACAN, 1985, p. 15). A mulher obviamente não toda, teria assim um gozo mais inteiro, de corpo todo, porque já se sabe faltosa, seu corpo já lhe expôs que assim é. No caso do místico Lacan diz que são eles os que dão testemunho de um gozo pleno, verdadeiro, corpóreo, imagético, o gozo real que suporta a face de Deus:

Basta que vocês olhem em Roma a estátua de Bernini para compreender logo que ela está gozando, Santa Tereza, não há dúvidas. E do que é que ela goza? É claro que o testemunho essencial dos místicos é justamente o de dizer que eles o experimentam, mas não sabem nada dele. Essas jaculações místicas, não é lorota nem só falação, é em suma o que se pode ler de melhor... E por que não interpretar uma face do Outro, a face de deus, como suportada pelo gozo feminino? (LACAN, 1985, p. 98)

O Gozo tem uma parcela de prazer e uma parcela ainda maior de dor.

Bem entende que não quer senão a seu Deus, mas d'Ele não ama uma coisa particular; e a Ele todo inteiro que quer e não sabe o que quer. Digo que não sabe porque a imaginação não lhe representa nada; nem penso que, durante muito tempo daquele em que está assim, operam as

potências, tal como na união e no arroubamento as suspende o gozo, aqui é a dor (LACAN, 1985, p. 125).

É o espaço psíquico em que o imperativo do Superego ordena: goza! (LACAN, 1956-57). Esse lugar psíquico governado pelo Superego (FREUD, 1927) tem muito pouco de escolha, o que o rege é o mecanismo da Repetição (FREUD, 1920) o que em geral traz sofrimento ao Sujeito do Inconsciente (LACAN, 1962).

Essa incansável repetição nasce do superego que não se cansa de tentar de exigir o gozo repetido, prazeroso e doloroso, porque ainda que a completude não seja possível ela é miragem. Uma carga grande de sofrimento. Por isso ao lermos os poemas de Teresa temos a sensação ambivalente de que ela sente dor e prazer ao mesmo tempo e é difícil distinguir o que é mais forte:

Estando a alma assim buscando a Deus, sente com um deleite enorme.  
E suave, quase desfalecer-se toda, com um jeito de desmaio, pois vai faltando o fôlego e todas as forças corporais de modo que, se não for com muito esforço, não conseguirá nem mesmo mexer as mãos. [...] Assim, não se beneficia em nada dos sentidos, a não ser para não conseguir deixá-la a seu prazer e, assim, antes a prejudicam. Falar seria demais, porque não atina com formar as palavras. Nem tem força, mesmo que atinasse, para poder pronunciá-la, porque toda força exterior se perde e aumentam as da alma para poder fruir sua glória. O deleite exterior que se sente é grande e muito conhecido... Disse-me o Senhor estas palavras: “Desfaz-se toda, filha, para pôr-se mais em mim. Já não é ela quem vive, mas sim eu (D’ÁVILA, 2010, p. 165).

A categoria do gozo é plástica se moldando a cada corpo e a cada tempo histórico. O corpo do místico seria o corpo que recebe e dá prazer, corporeidade, linguagem ao Outro. O “O” maiúsculo na palavra como o grande outro, Deus, aquilo que é em tudo que há. Freud tem uma frase muito bonita quando diz: “O desejo da histérica é o desejo do outro” (FREUD, 2010, p. 122) nesse caso ele fala da histérica como uma posição inconsciente de demanda de amor. Se Teresa em seu discurso estiver no lugar da histérica, o seu desejo é o desejo do Outro, um outro que é coberto de sentido e está além “o negativo do nome” (PONDÉ, 2003, p. 78).

Esse grande outro, como um grande produtor de sentido: “Despojar-se da identidade é despojar-se do peso de ser criatura, da gravidade da distância entre ela e Deus – só haveria semântica em Deus” (PONDÉ, 2003): “Quando Deus quiser entrar numa alma para ali se deleitar e preenche-la de bens, apenas esta possibilidade existe porque Ele a quer sozinha, pura e desejosa de recebê-lo

(D'ÁVILA, 1984).

No caso da mística a experiências parece ir além também do amor, da vida e da morte: “superação contínua da angústia de referencia semântica ou pragmática”... “conhecimento sem conhecimento, amor sem amor”, “luz escura”, “ver o além do amor” (PONDÉ, 2003):

Chama viva de Amor

1. Oh! Chama de amor viva  
Que ternamente feres  
De minha alma no mais profundo centro!  
Pois não és mais esquiva,  
Acaba já, se queres,  
Ah! Rompe a tela deste doce encontro.

2. Oh! Cautério suave!  
Oh! Regalada chaga!  
Oh! Branda mão! Oh! Toque delicado  
Que a vida eterna sabe,  
E paga toda dívida!  
Matando, a morte em vida me hás trocado.

3. Oh! Lâmpadas de fogo  
Em cujos resplendores  
As profundas cavernas do sentido,  
– Que estava escuro e cego –  
Com estranhos primores  
Calor e luz dão junto a seu Querido!

4. Oh! Quão manso e amoroso  
Despertas em meu seio  
Onde tu só secretamente moras:  
Nesse aspirar gostoso,  
De bens e glória cheio,  
Quão delicadamente me enamoro (DA CRUZ apud SOUZA, 2009, p. 114).

Freud em 1920 escreve um texto fundamental chamado *Para Além do Princípio do Prazer* em que a questão é a de que o gozo tem um tanto de pulsão de morte, talvez mais que pulsão de vida, Lacan dirá depois. O conceito de pulsão de morte é um dos mais transgressores da psicanálise por não construir uma ideia lúdica de que o ser humano busca a cura, quer viver, é livre, é consciente e tem uma boa natureza fundamental.

Para Freud haveria três princípios: o de prazer, o de realidade e o de nirvana. O princípio básico do aparelho psíquico é o prazer, mas na primeira natureza, a base do desejo é proibida pela cultura visto que esses desejos são o incesto o canibalismo, o assassinato (FREUD, 2013), fome, amor, e na pulsão de morte, medo e violência. O aparelho psíquico para se autopreservar de si mesmo

estabelece o princípio de realidade para dar conta de viver em sociedade, não se transformar num monstro social. Com a substituição do prazer pela realidade a pulsão continua fazendo força e adiando o momento de sua satisfação em busca de contornos mais apropriados a civilização e a realidade. Parte dessa pulsão é sublimada no trabalho, nos estudos, na arte, no amor, na vida em família. A religião é uma instituição poderosa de sublimação dos desejos também. Uma das mais poderosas que a civilização pode criar (FREUD, 1996).

Devido aos muitos mecanismos de controle que começam na linguagem da mãe: “não pode” e se estendem pela vida a fora, a energia pulsional que solicita prazer, pressiona o aparelho psíquico em busca da satisfação, mas como o controle já foi internalizado, essa pressão em busca do prazer é sentida como desprazer. O controle é muito forte, ele é tanto interno pelo mecanismo do recalque que é internalizado na criança desde a família, a escola, quanto externo por controles como as leis, a religião, a moral.

Esse desprazer é sentido como “pressão”, angústia ou perigo, a intensão é barrar a satisfação pulsional. Por mais que o princípio de realidade tente equilibrar, dar formas, sublimar o desejo, ele se repete e exige satisfação e isso produz dor. Então Freud fala da pulsão de morte que seria um destino da pulsão voltado para o estado de repouso, de alívio, voltando para o estado inorgânico da vida, onde não há vida, não há mais dor pela busca do prazer.

Do mesmo modo que o princípio de realidade e o princípio de prazer se apresentam no afeto e na realidade objetiva da vida. A pulsão de morte se apresenta pela força, pela destruição e pela agressividade a si e ao outro. Por isso *Além do Princípio do Prazer* (FREUD, 2013), porque depois do prazer haveria a tendência ao repouso absoluto, o cessar da repetição em busca do prazer, o cessar da dor.

A pulsão se voltaria para a destruição, inclusive biológica do próprio corpo e que não somente o ser humano, mas os seres vivos em geral desejam a morte. Esse retorno para o inorgânico, é o Princípio do Nirvana em que Eros pulsão de Vida cede lugar a Tanatos pulsão de Morte (FREUD, 1996).



Vivo sem viver em mim

Vivo sem viver em mim  
E de tal maneira espero  
Que morro porque não morro

1. Em mim eu não vivo já,  
E sem Deus viver não posso;  
Pois sem Ele e sem mim quedo,  
Este viver que será?  
Mil mortes se me fará,  
Pois minha mesma vida espero,

Morrendo porque não morro.

2. Esta vida que aqui vivo  
É privação de viver;  
E assim, é contínuo morrer  
Até que viva contigo.  
Ouve, meu Deus, o que digo,  
Que esta vida não a quero  
Pois morro porque não morro.

3. Ausente estando eu de ti,  
Que vida poderei ter  
Senão morte padecer,  
A maior que jamais vi?  
Pena e dó tenho de mim,  
Pois se assim eu persevero,  
Morrerei porque não morro.

4. O peixe que da água sai  
Nenhum alívio carece  
Que na morte que padece,  
Afinal a morte lhe vale.  
Que morte haverá que se iguale  
Ao meu viver lastimoso,  
Pois se mais vivo, mais morro?

5. Quando penso aliviar-me  
Vendo-te no Sacramento,  
Faz-me em mim mais sentimento  
De não poder-te gozar;  
Tudo é para mais penar,  
Por não ver-te como quero,  
E morro porque não morro.

6. Se me deleito, Senhor,  
Com a esperança de ver-te,  
Vendo que posso perder-te  
Redobra-se em mim a dor;  
Vivendo em tanto temor  
E esperando como espero,  
Morro sim, porque não morro.

7. Livra-me já desta morte,  
Meu Deus, entrega-me a vida;  
Não ma tenhas impedida  
Por este laço tão forte;  
Olha que peno por ver-te,  
O meu mal é tão inteiro,  
Que morro porque não morro.

8. Chorarei já minha morte  
Lamentarei minha vida,  
Enquanto presa e retida  
Por meus pecados está.  
Oh! Meu Deus! Quando será  
Que eu possa dizer de veras:  
Vivo já porque não morro? (D'ÁVILA, 2005)

Teresa não pode efetivamente morrer em carne para encontrar Deus em sua totalidade, em espírito e por isso ela morre por não morrer. Ela tem

uma dor de morte por não ser inteira com seu senhor, e tem uma dor viva na carne por estar em carne viva e Ele em espírito. Em vida espera a morte, morrendo por não morrer e sem Deus não pode viver. “Mil mortes se dão”, uma por dia e várias vezes ao dia porque a vida é desespero por um gozo pela metade. Por não morrer e poder se encontrar na morte, o fim da vida seria o começo da vida e não o seu fim. Se assim é, ela se pergunta: então por que não morro?

A experiência mística parece conter em si um tanto de pulsão de morte: “Porque é preciso coragem, com certeza, porque é tão grande o gozo que parece às vezes que não falta um instante para a alma acabar de sair deste corpo. E que morte feliz seria”!

O lugar metalinguístico da mística é o lugar do gozo pleno, pulsão de vida e morte:

Quis o Senhor que eu visse aqui algumas vezes essa visão: via um anjo junto de mim do lado esquerdo em forma corporal, o que não costumo ver, a não ser por maravilha. [...] Esta visão quis o Senhor que eu visse assim: não era grande, mas pequeno, muito bonito, o rosto todo aceso que parecia dos anjos muito elevados que parecem que se abrasam inteiros. [...] Via em suas mãos um dardo de ouro grande e no final da ponta me parecia haver um pouco de fogo. Ele parecia enfiá-lo algumas vezes em meu coração e chegava às entranhas. Ao tirá-lo me parecia que as levava consigo e me deixava toda abrasada em grande amor de Deus. Era tão grande a dor que me fazia dar aqueles gemidos, e tão excessiva suavidade que põe em mim essa enorme dor que não há como desejar que se tire nem se contenta a alma com menos do que Deus. Não é uma dor corporal, mas espiritual, ainda que não deixe o corpo de participar em alguma coisa e até bastante. É uma corte tão suave que se passa entre a alma e Deus que suplico eu a sua bondade que a dê a experimentar a quem pensar que eu minto (D'ÁVILA, 2010).

No discurso místico há o questionamento de que no mundo não há o lugar do amor, por isso o místico suplanta seu afeto do plano físico para o imaterial, mostrando o tamanho da deficiência que há no humano, podendo morar só em Deus o seu gozo. É o lugar da fé.

Para Lacan (1992) o discurso é algo mais que a linguagem, é a linguagem fazendo laço social e tudo o que isso implica e põe em jogo, porque são modos de se relacionar com e na cultura, na sociedade e também no afeto, por isso os laços discursivos são também inconscientes e fazem gozo, fazem mais que gozar, fazem o mundo.

Lacan (1992) ensina que os discursos são quatro: do mestre, da histérica, do universitário e do analista. Aqui cabe falar apenas do discurso da histérica e do mestre. A histérica faz falar o que o mestre cala. Respondente a tudo o discurso do mestre pretende o não questionamento, é fechado, ele exclui a fantasia do sujeito, é cego em suas razões e surdo a todos os saberes não seus. É o lugar da religião.

O discurso da histérica (LACAN, 1992) questiona o mestre em desejos, afetos, razões; mostra as suas falhas, suas faltas e quer crer que ele a responderá em seu desejo, tampará a sua falta, amá-la-á e por isso ao mesmo tempo em que é devota é revolta, já que a demanda da histérica é demanda de amor e o amor quer sempre mais, mais ainda. É o laço social que faz abertura, é dessa posição do inconsciente que nasce o inconsciente porque o afeto é muito forte e deseja sempre mais. Socialmente esse discurso faz com que as coisas mudem por não aceitá-las como são. A histérica deseja um mestre, mas como ele não consegue saciá-la a altura de sua falta ela o questiona. Faz com que haja mudanças no discurso e na realidade social.

A busca pelo místico é uma busca não incomum ao humano. É também um discurso, um sintoma que aparece lá na linguagem mas poucos a encontram. Alguns encontram dentro da psicanálise, outros na religião, na paixão. Ambas podem ser uma experiência ao transcendente, uma passagem para a alma: “A mitologia muitas vezes constitui uma tentativa de explicar o mundo interior da psique, e Freud e Jung voltaram-se instintivamente para mitos antigos, como história de Édipo, para explicar a nova ciência. Talvez o Ocidente esteja sentindo a necessidade de uma alternativa ‘a visão puramente científica do mundo ’” (ARMSTRONG, 2008, p. 270).

### **3.3 Erotismo e Mística**

**FIGURA 18 - AS SOMBRAS DE FRANCESCA DE RIMINI E PAOLO MALATESTA APARECENDO A DANTE E VIRGÍLIO.**



**FONTE: SCHEFFER, 1835.**

Na peça de Scheffer os corpos entrelaçados de Francesca di Rimini e Paolo Malatesta se arremessam na tempestade sem fim que é o segundo círculo do Inferno. Logo depois está o Vale dos Ventos, onde padecem os luxuriosos, que sofrem e blasfemam contra Deus, enquanto são atormentados e arrebatados por um furacão e turbilhões de vento que não param nunca, arrastando os espíritos com violência, atormentando-os, ferindo-os e rolando-os. Em vida, eles eram levados por suas paixões, que os arrastavam como o vento; agora é o vento incessante que os arrasta no inferno. Aqui está Semíramis, Cleópatra, Helena, Isolda, as almas que foram desfeitas pelo amor. Francesca se apega a Paolo enquanto ele afasta o rosto com angústia. Existem duas figuras adicionais na imagem: escondidas em segundo plano, os poetas Dante e Virgílio olham enquanto atravessam os nove círculos do inferno.

“Sexualidade mística” é o nome dado a essas experiências um tanto místicas e um tanto eróticas, termo utilizado por Bataille (2015, p. 44) em 1978. O erotismo tem na religião seu lugar supremo. A disjunção entre bem e mal, a vontade entre virtude e pecado, vida e morte de através do impulso profano, porque em parte animal, encontrar o sagrado. Para o autor o que a lei proíbe só serve para ressaltar seu objeto de proibição: “A santa afasta-se com terror do sensual: ela ignora a unidade das paixões inconfessáveis deste último com as suas”:

Primeiro, há-de entender-se que nestas mercês que Deus faz à alma, há mais e menos glória. Porque nalgumas visões, a glória e o deleite e a consolação excedem tanto o que o Senhor dá em outras, que eu me espanto de tanta diferença de gozar, ainda nesta vida. Pois acontece ser tanta a diferença que há num gosto e regalo que Deus dá numa visão ou num arroubamento, que parece não é possível poder haver, aqui na terra, mais a desejar e assim a alma não o deseja nem pediria maior contentamento. Embora, depois que o Senhor me deu a entender quão grande é a diferença que há no Céu entre o que gozam uns e o que gozam outros, bem vejo que também cá em baixo não há medida no dar, quando o Senhor é servido; e assim não quereria que a houvesse no servir eu a Sua Majestade e quisera empregar nisto toda a minha vida, forças e saúde, e não perder por minha culpa, um pouco de mais gozar. E assim digo que, se me perguntassem se antes quero ficar na terra até ao fim do mundo com todos os trabalhos que nele há, e depois subir um pouquinho mais alto em glória, ou sem trabalho algum ir já gozar duma glória um pouco mais baixa, de boa vontade sofreria todos os trabalhos para gozar um pouquinho mais no entender a grandeza de Deus, pois vejo que, quem mais O entende, mais O ama e O louva (D'ÁVILA, 2010).

Claro que Bataille se referia a uma outra sociedade como é o caso de Freud ao falar dos sintomas histéricos. Talvez hoje a sexualidade tenha sido tão exposta que nada de erótico tenha sobrado, apesar de que no Brasil ainda se tem muito do religioso nas veias.

O interdito é o império do sagrado porque sacraliza aquilo que proíbe. Proíbe porque se fosse livre ultrapassaria o limite do outro, da convivência, do usufruto”, termo utilizado por Lacan a respeito do direito que se remete ao quanto eu tenho posse sobre algo ou alguém. Para que haja proibição é porque tem o desejo ou não haveria essa necessidade. No entanto ao interditar, pôr uma barra de impedimento o objeto proibido fica imantado de encanto e erotiza. Da sexualidade cheia de pudor nasce o erotismo. Aqui o erotismo é um conceito válido a esse trabalho, mas já diferente do conceito psicanalítico de erotismo. Aqui ele assume sabor de sensualidade com teores de morte, vergonha e proibição (BATAILLE, 2013).

Mesmo na ameaça de punição e morte esse tipo de desejo não cede, ele se torna sacrifício e o sacrifício tem sua honra. O cristianismo e a tragédia grega valem-se muito desse conceito: “é o movimento da embriaguez divina” (BATAILLE, 2015).

A transgressão nasce quando se sai do campo da moral que é necessário a sobrevivência para ir para o campo da “supermoral” (BATAILLE, 2015, p. 32). Enquanto se pretende ascender ao perfeito, ao caminho da perfeição como diz Teresa, mais forte é o interdito e mais forte é o gozo ao se deixar levar pelo desejo. A esse descer da civilidade para a animalidade Bataille dá o nome de

“arrebatamento” (BATAILLE, 2015, p. 23). A pulsão de morte, o erotismo e a mística estão muito ligados a essa dimensão. Uma realidade selvagem, pouco calma, apesar de pleno, máximo em seu instante, violência iluminada, próximo do indizível, mas o que se diz dele é que não se desejaria nada menor nenhuma tortura a menos:

Quanto mais a angústia suplicia, mais rápido ela abençoa”, “perdida nas chamas do inferno ou reluzindo com um brilho celeste”, a morte parece uma visão divina de deleitamento ainda em vida, um estado insuportável e clandestino de felicidade. Para se chegar nesse estado diz Bataille não pode ter limites, nem necessidade, nem sobriedade, apenas abandono. Mesmo que isso seja chamado de “mal” pela religião (BATAILLE, 2015, p. 09):

Disse-me o Senhor estas palavras: “Desfaz-se toda, filha, para mais se meter em Mim; já não é ela quem vive, senão Eu”. Como não pode compreender o que entende, é um não entender entendendo.... Se a alma estava pensando em um passo da Paixão, perde-o da memória como se nunca dele a tivera; se estava lendo, não há acordo nem detença no que lia; se reza, tampouco. Assim é que a esta borboletazita importuna da memória aqui se lhe queimam as asas; já não mais pode esvoaçar. A vontade deve estar bem ocupada em amar, mas não compreende como ama. O entendimento, se entende, não percebe como entende; pelo menos, não pode compreender nada do que entende. A mim, não me parece que entende, porque - como digo - não se entende a si mesmo. E não acabo de entender isto (D’ÁVILA, 2010).

Teresa descreve esse tipo de amor quando é feito com o sagrado. Ela o descreve por etapas em que o deleite da alma vai aumentando “mais, mais ainda...” (LACAN, 1985).

Castelo Interior - 7 moradas  
1a. morada

Alma esta muda e surda, ainda prisioneira do mundo exterior. É então que se começa a avançar no caminho do conhecimento interior. Que a alma começa seu percurso.

2a. morada

A alma luta contra os atrativos do mundo exterior. Sente que tudo no mundo é efêmero.

3a. morada

A alma se purifica através da meditação e está pronta a acolher o sofrimento e renuncia as tentações do mundo exterior, mas ainda não é bastante forte.

4. morada

A imaginação domina, o conhecimento, a inteligência e a memória pesam sobre a alma, mas para progredir deve renunciar a tudo isso.

5a. morada

O mundo profano não tem mais influencia sobre a alma que está livre de todas as amarras. (a lagarta se faz borboleta)

6a. morada

Sala do sofrimento. Mas a alma abandonou todas as tentações do mundo exterior. É a noite escura da alma que precede a plena e definitiva transformação

7a. morada

A alma é tornada espiritualmente por esposa. São imensos e elevadíssimos o mistério e a graça que Deus ali comunica à alma num instante.

O Senhor parece querer manifestar-lhe naquele momento a glória do céu, fazendo-o de um modo mais inefável que em qualquer outra visão ou gosto espiritual.

O Senhor introduz a alma nessa Sua morada, que é o centro da alma.

A alma não sente nenhum temor da morte, não mais do que teria de um suave arroubo, êxtase, arrebatamento. Passa-se com tanta quietude e silêncio tudo o que o Senhor ensina e comunica à alma (D'ÁVILA, 2005).

Na experiência da transgressão do sagrado as imagens de culpa e desejo se fundem. Depois de realizada a transgressão a alma se acalma porque ela realizou o instinto de sua própria natureza e pode se voltar à religião e aos seus dogmas com mais tranquilidade pois foi feita a “profunda cumplicidade da lei e de sua violação” (BATAILLE, 2013).

O amor místico traz em si todos esses elementos, mas voltados não a um objeto de amor, mas a um objeto sagrado.

## CONSIDERAÇÕES FINAIS

No Capítulo 1 deste trabalho descrevi o conceito de mística. Como historicamente o místico se tornou pessoa e a mística uma literatura, um modo de se falar e principalmente de se escrever sobre o sagrado através do contato com ele.

No Capítulo 2 tratei sobre a vida de Teresa, sua obra, seu descobrimento da fé, sua vocação, sua escrita e o trabalho que ela deixou vivo ainda hoje entre literatura, monastérios, orações.

No Capítulo 3 desenvolvi uma análise a partir da abordagem psicanalítica fundada no erotismo. Tentei mostrar que a religião e as pessoas que fazem parte dela ao buscarem a santidade exaltam o desejo carnal proibido pela mesma.

Em meu ver existe muito amora e erotismo na experiência mística, pelo menos no que se refere aos escritos deixados pelos místicos, em especial Teresa de Jesus que foi o objeto estudado.

Na atualidade a experiência mística deve ter outros aspectos, tons e teores.

Pude observar ao escrever esse trabalho que a experiência mística realmente se assemelha muito à paixão e à loucura. Pondé (2017) diz que o amor é para os corajosos e que não é uma experiência comum a todas as pessoas. Quando esse tipo de experiência acontece, diz ele, arrasa com o cotidiano, com a “agenda” da pessoa.

O amor místico traz em si todos esses elementos voltados não a um objeto de amor, mas a um objeto sagrado.

Creio que muito ainda pode ser estudado. Levar a observação aos lugares sagrados do Brasil, aos tambores do candomblé e aos êxtases da umbanda, do daime, que são religiões nossas também e que podem ainda ser contemplados sobre a mística na vivência de suas próprias experiências.

## REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

11 CONSELHOS de Santa Teresa para uma vida de oração. **Aleteia**. 18 mai. 2016. Disponível em: <https://pt.aleteia.org/2016/05/18/11-conselhos-de-santa-teresa-para-uma-vida-de-oracao/> Acesso em: 10 jun. 2018.

A MÚSICA na idade média. In: **História da música**. Disponível em: [http://historia\\_da\\_musica.blogs.sapo.pt/1085.html](http://historia_da_musica.blogs.sapo.pt/1085.html). Acessado em: 12 jun. 2017.

ALMEIDA, Rute. **Uma voz feminina calada pela inquisição: religiosidade no final da idade média, as beguinas e Margarida Porete**. São Paulo: Haginus, 2011.

ANDRADE, Solange Ramos de. **242 Projeto História**. São Paulo: Editora PUC SP n.37, p. 237-260, dez. 2008

ARMSTRONG, Karen. **Uma história de Deus**. Editora Companhia das Letras, 2008

AZEVEDO JR., Ricardo. 136. **A vida de São João da Cruz**. Disponível em: <https://padrepauloricardo.org/episodios/a-vida-de-sao-joao-da-cruz>. Acesso em: 23 jul. 2017.

\_\_\_\_\_. **Beatificação e canonização: qual a diferença**. Disponível em: <https://padrepauloricardo.org/episodios/qual-a-diferenca-entre-a-beatificacao-e-a-canonizacao>. Acessado em: 15 ago. 2017.

BARTHES, Roland. **Fragments de um discurso amoroso**. São Paulo: Martins Editora, 2012.

BASTOS. 2011. **Iconografia de esposas místicas na pintura portuguesa**. Análise de casos. transverberação de Santa Teresa. [dissertação de mestrado] Disponível em: <https://repositorio-aberto.up.pt/bitstream/10216/57472/2/tesemesisabelbastos000148987.pdf> . Acesso em: 30 abr. 2016.

BATAILLE, Georges. **A literatura e o mal**. Tradução de Fernando Scheibe. São Paulo: Autêntica, 2015.

\_\_\_\_\_. **O erotismo: o proibido e a transgressão**. Tradução de Fernando Scheibe. São Paulo: Autêntica, 2013.

BERGER, Peter. **O dossel sagrado: elementos para uma teoria sociológica da religião**. São Paulo: Paulus, 1985.

BESSA, Paula. **Pintura mural do fim da idade média e do início da Idade Moderna no norte de Portugal**. Universidade do Minho, 2007.

BEZERRA, Cícero Cunha. **Michel de Certeau e Teresa de Ávila: entorno da literalidade da experiência mística.** *Mirabilia*, n. 14, p. 251-263, jan./jun. de 2012. Disponível em: [http://www.revistamirabilia.com/sites/default/files/pdfs/2012\\_01\\_13.pdf](http://www.revistamirabilia.com/sites/default/files/pdfs/2012_01_13.pdf). Acesso em: 09 jun. 2018.

BINGEN, Hildegard of. **Hildegard von Bingen: 'Werk Gottes' (Codex Latinus 1942 in der Bibliotheca Governativa di Lucca, 1163-1173.**

\_\_\_\_\_. **Meister des Hildegardis-Codex** - The Yorck Project (2002) 10.000 Meisterwerke der Malerei (DVD-ROM), distributed by DIRECTMEDIA Publishing GmbH. Disponível em: [https://pt.wikipedia.org/wiki/Hildegarda\\_de\\_Bingen#/media/File:Meister\\_des\\_Hildegardis-Codex\\_001.jpg](https://pt.wikipedia.org/wiki/Hildegarda_de_Bingen#/media/File:Meister_des_Hildegardis-Codex_001.jpg) Acesso em: 10 jun. 2018.

BORGES, Célia Maia. **Santa Teresa e a espiritualidade mística: a circulação de um ideário religioso no Mundo Atlântico. O Espaço Atlântico de Antigo Regime: Poderes e Sociedade (2005): 177-193.**

BOURDIEU, Pierre. **A economia das trocas simbólicas.** São Paulo: Perspectiva, 1974.

BRAÇO DE SANTA TERESA. Disponível em: <http://carmeloesperanca.blogspot.com.br/2015/02/santa-teresa-de-jesus-500-anos-de-seu.html>. Acessado em: 13-09-2016.

CARAVAGGIO. **Santa Catarina.** Grandes mestres da pintura. Coleção Folha Grandes mestres. Disponível em: <http://virusdaarte.net/caravaggio-santa-catarina-de-alexandria/>. Acesso em: 25 mai. 2016. Ano: 1597. Material: óleo sobre tela. Dimensões: 173 x133 cm. Localização: Museu Thussen-Bornemisza, Madri, Espanha.

\_\_\_\_\_. **Santa Catarina de Alexandria.** Pintura a óleo sobre tela de 1598-1599 do mestre pintor italiano do barroco Michelangelo Merisi da Caravaggio que se encontra atualmente no Museu Thyssen-Bornemisza, em Madrid. Mostra Santa Catarina com a roda dentada e a agulha, instrumentos da Inquisição. Disponível em: [https://pt.wikipedia.org/wiki/Santa\\_Catarina\\_de\\_Alexandria\\_\(Caravaggio\)#/media/File:Michelangelo\\_Caravaggio\\_060.jpg](https://pt.wikipedia.org/wiki/Santa_Catarina_de_Alexandria_(Caravaggio)#/media/File:Michelangelo_Caravaggio_060.jpg) Acesso em: 10 jun. 2018.

CARMELO NOSSA SENHORA DA ESPERANÇA. **Santa Teresa de Jesus: 500 anos de seu nascimento.** 2015. Disponível em: <http://carmeloesperanca.blogspot.com/2015/02/santa-teresa-de-jesus-500-anos-de-seu.html> Acesso em: 10 jun. 2018.

CARONE, Marilene; FREUD, Sigmund. **1985: luto e melancolia.** *J. psicanal.*, São Paulo, v. 49, n. 90, p. 207-224, jun. 2016. Disponível em <[http://pepsic.bvsalud.org/scielo.php?script=sci\\_arttext&pid=S0103-58352016000100016&lng=pt&nrm=iso](http://pepsic.bvsalud.org/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0103-58352016000100016&lng=pt&nrm=iso)>. acessos em 10 jun. 2018.

CASANOVA, Antonio (1757-1822). **Cupido e psyche**. 1787-1793. mármore. 155cm de altura. Disponível em: <https://www.historiadasartes.com/sala-dos-professores/cupido-e-psyque-antonio-canova/> Acesso em: 10 jun. 2018.

CASTILHO, Pedro Teixeira. Notas sobre a experiência mística e o feminino na psicanálise. **Psicanálise & Barroco em Revista**. vol. 10. n. 2. texto 5. 2012. Disponível em: <http://132.248.9.34/hevila/Psicanalise&barrocoemrevista/2012/vol10/no2/5.pdf> Acesso em: 10 jun. 2018.

CECHINEL, Francilene Maria Ribeiro Alves. Entre corpo e espírito: O livro da Vida, de Santa Teresa D'Ávila. **Litterata-Revista do Centro de Estudos Portugueses Hélio Simões** 3.2 (2015): 10-21.

CERTEAU, Michel de. **A Escrita da história**. Tradução de Maria de Lourdes Menezes. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 1982.

CHAUÍ, Marilena. **Os sentidos da paixão**. Organização Adauto Novaes. São Paulo: Companhia das Letras, 2009.

CORREGGIO. **O casamento místico de Santa Catarina**. 1517. Técnica de óleo sobre madeira. Dimensões: 105 x 102 cm. Localização: Museu do Louvre, Paris, França. Disponível em: <http://virusdaarte.net/correggio-o-casamento-mistico-de-s-catarina/> Acesso em 10 jun. 2018.

COSTA, Otávio Barduzzi Rodrigues da. **La possession de Loudun**. Resenha do livro a possessão em Loudun.

CRISÓSTOMO, Josafa. **Santa Teresa de Ávila**. Traduzido por Manuel Bandeiras. In: Blog do Josafá. [blog de internet] 29 abr. 2009. Disponível em: <http://blogdojosafacrisostomo.blogspot.com/search?q=ao+cristo+crucifica> do Acesso em: 10 jun. 2018.

CUNHA, Antônio Geraldo da. **Dicionário etimológico Nova Fronteira da língua portuguesa**. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1982.

D'ÁVILA, Teresa. **Caminho de Perfeição**. São Paulo: Paulinas, 1984.

\_\_\_\_\_. **Livro da vida**. São Paulo: Penguin Companhia, 2010.

\_\_\_\_\_. **Obras completas**. Traduzido por Jaime A. Clasen. São Paulo: Paulinas, 2005.

\_\_\_\_\_. **Obras Completas: poesias V,VIII, II**. São Paulo: Edições Loyola, 2002.

DE ANDRADE, Solange Ramos. A religiosidade católica e a santidade do mártir. Projeto História. In: **Revista do Programa de Estudos Pós-**

**Graduados de História**, 2008.

DIAS, Maruzania Soares. **O gozo de Deus**: uma análise lacaniana da experiência mística na obra de Marguerite Porete. 2010. PUC-SP, p. 250

DURKHEIM, Emile. **As Formas Elementares da Vida Religiosa**. 2. ed. Traduzido por Joaquim Pereira Neto. São Paulo: Paulus. 1989.

\_\_\_\_\_. **Da divisão do trabalho social**. São Paulo: Martins Fontes, 1977.

ELIADE, Mircea. **O sagrado e o profano**. Tradução Rogério Fernandes. São Paulo: Martins Fontes, 1992.

FANTACUSSI, Vanessa Auxiliadora. **O culto da deusa Isis entre os romanos no século II**: representações nas metamorfoses de Apuleio [dissertação de mestrado]. São Paulo: UNESP, 2007.

FELIPE, Maria. **A inquisição**. Disponível em: <https://www.academia.edu/13434548/INQUIISI%C3%87%C3%83O>. Acessado em: 12 dez. 2015.

FEUERBACH, Anselm. **O banquete de Platão**. 1873. Berlim: Alte Nationalgaleri.

FILHO, José, 2010, p.11-17. **Revista Eletrônica Multidisciplinar Pindorama do Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia da Bahia – IFBA Nº 01 – Ano I – Agosto/2010**. Disponível em: [www.revistapindorama.ifba.edu.br](http://www.revistapindorama.ifba.edu.br). Acesso em: 02 fev. 2017

FONTES, Maria Helena Sansão. **Ressonâncias da idade média no moderno cancionero popular**. Disponível em: [http://www.institutodeletras.uerj.br/idioma/numeros/21/idioma21\\_a05.pdf](http://www.institutodeletras.uerj.br/idioma/numeros/21/idioma21_a05.pdf). Acessado em: 23 ago. 2017.

FRANKEN Irene. **Martelo das Bruxas orientou séculos de perseguição às mulheres**. Disponível em: <http://www.dw.com/pt-br/martelo-das-bruxas-orientou-s%C3%A9culos-de-persequi%C3%A7%C3%A3o-%C3%A0s-mulheres/a-15769462>. Acesso em: 31 mai. 2017.

FREUD, Sigmund. Além do princípio de prazer. Rio e Janeiro: Imago, 1996. (Edição Standard Brasileira das Obras Psicológicas Completas de Sigmund Freud, Vol. 18).

\_\_\_\_\_. **Introdução ao narcisismo**: ensaios de metapsicologia e outros textos. (1914-1916). Obras completas, vol. 12. Tradução de Paulo César de Souza. São Paulo: Companhia das Letras (Editora Schwarcz Ltda.), 2010.

\_\_\_\_\_. **Psicologia das massas e análise do eu** (1920-1923). Tradução de Paulo César de Souza. São Paulo: Companhia das Letras, 2011.

\_\_\_\_\_. **Obras completas**. Edição Standard Brasileira das Obras Completas de Sigmund Freud. vol. XVIII. Rio de Janeiro: Imago, 1976.

\_\_\_\_\_. **Totem e tabú**. São Paulo: Companhia das Letras, 2013.  
 GALASTRI, Luciana. As 10 Universidades Mais Antigas Do Mundo. Revista Galileu. Disponível em: <http://revistagalileu.globo.com/revista/common/0,,emi343904-17770,00-as+universidades+mais+antigas+do+mundo.html>. Acessado em: 23 set. 2017.

GALLIMARD, La librairie de Montréal. **Le Miroir des âmes simples et anéanties, et qui seulement demeurent en vouloir et désir d'amour**. 1997. Disponível em: <https://www.gallimardmontreal.com/catalogue/livre/le-miroir-des-ames-simples-et-aneanties-et-qui-seulement-demeurent-en-vouloir-et-desir-d-amour-porete-marguerite-9782226089472> Acesso em: 10 jun. 2018.

GAY, Peter. **Freud: uma vida para o nosso tempo**. São Paulo: Companhia das Letras, 1995.

GERARD, François. **Santa Teresa de Jesus**. 1827, Óleo sobre lienzo, 172 x 93 cm., París, La Capella de Cornaro. Disponível em: <https://blog.graphe.it/2015/03/28/500-anni-nascita-teresa-avila> Acesso em: 10 jun. 2018.

GIRARD. **A violência e o sagrado**. Tradução de Martha Conceição Gambini. São Paulo: Editora Universidade Estadual Paulista, 1990.

GOREINSTEIN, Lina. **A inquisição contra as mulheres**: Rio de Janeiro sec. XVII e XVIII. São Paulo: FAPESP, 2005.

GREEN, Toby. **Inquisição: o reinado do medo**. São Paulo: Editora Objetiva, 2011.

GUTIÉRREZ, Jorge Luis Rodríguez. Teresa de Ávila: A Filosofia Mística. **Revista Caminhando**. vol. 8, n. 1 [11]. 2003. 127

HERRERA EL MOZO, Francisco de (Atribuído a). **Santa Teresa**. Século XVII. Mostra a Santa escrevendo sob a inspiração do Espírito Santa, atrás está o Arco da Igreja dos Agostinianos Recolets. Século XVII. óleo sobre lienzo, 166 x 105 cm. Disponível em: <https://www.museodelprado.es/coleccion/obra-de-arte/santa-teresa/851e3b98-e57e-4f86-b647-2acd82d90e5f>. Acesso em: 09 jun. 2018.

HILDEGARDA DE BINGEN. In: Wikipedia contributors, "Hildegard of Bingen," Wikipedia, The Free Encyclopedia, 05 jun. 2018. Disponível em: [https://en.wikipedia.org/w/index.php?title=Hildegard\\_of\\_Bingen&oldid=844539147](https://en.wikipedia.org/w/index.php?title=Hildegard_of_Bingen&oldid=844539147) Acesso em 10 jun. 2018.

HUIZINGA, Johan. **O Declínio da Idade Média**. São Paulo. Ed. Ulisseia, 2012.

JESUS, Tereza de. **A comunhão do Esposo e da Esposa**. Disponível em:

[http://teresadejesus.carmelitas.pt/ficheiros/noticias/Teresa\\_SSTrindadeEncarnacaoEucaristia\\_parte17.pdf](http://teresadejesus.carmelitas.pt/ficheiros/noticias/Teresa_SSTrindadeEncarnacaoEucaristia_parte17.pdf). Acessado em: 04 out. 2017.

KRAMER, Heinrich. **O martelo das feiticeiras**. São Paulo: Editora Best Seller, 2015.

KRISTEVA, Julia. **No princípio era o amor**: psicanálise e fé. Brasília: Brasiliense, 2010, p. 36-45

KUHN, Adriana. Gênero e Religião – ST 24. Escola Superior de Teologia – EST. **Epistemologia, violência e sexualidade**: olhares do II Congresso Latino-Americano de Gênero e Religião. Editora Sinodal, 2008.

\_\_\_\_\_. A Sexualidade na História da Igreja. **Escola Superior de Teologia – EST. 2012**. Disponível em:

[http://www.fazendogenero.ufsc.br/7/artigos/A/Adriana\\_Kuhn\\_24\\_B.pdf](http://www.fazendogenero.ufsc.br/7/artigos/A/Adriana_Kuhn_24_B.pdf).

Acesso em: 30 fev. 2017.

LACAN, Jacques. **O seminário: livro VII**: a ética da psicanálise. Rio de Janeiro: Zahar, 1964.

\_\_\_\_\_. **O seminário: livro VIII**: a Transferência. Tradução de Dulce Duque Estrada. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 1992.

\_\_\_\_\_. **O seminário: livro 17**: o avesso da psicanálise (1969-1970). Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 1992.

\_\_\_\_\_. **O seminário: livro XX**: mais ainda (1972-1973). Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 1985.

LEMOS, Carolina. **Religião e ressignificação da intimidade**. Goiânia: Editora Kelps, 2015.

\_\_\_\_\_. **Banca de qualificação**. Observações feitas pela professora durante a audiência pública de qualificação, 2017.

LISPECTOR, Clarice. **Amor**. Laços de família, v. 21, p. 28-41, 1998.

MARX, Karl. **Sobre a questão judia**. São Paulo: Livros Editorial, 2004.

MAUSS, Marcel; HUBERT, Henri. **Sobre o Sacrifício**. São Paulo: Editora Ubu, 2017

NASCIMENTO, Maria Filomena Dias. Ser Mulher na Idade Média. **Textos**

de **História**, Brasília, v. 5, p. 82-91, 1997. Disponível em: <<http://periodicos.unb.br/index.php/textos/article/view/5807/4813>>. Acesso em: 08 jul. 2016.

NEHMAAT. **Revista Mundo Antigo**. Ano VI, Vol. 6, N° 12, Junho, 2017. Disponível em: <http://www.nehmaat.uff.br>. Acessado em: 03 out. 2017.

NOVAES, Adauto. **Os sentidos da paixão**. São Paulo: Companhia das Letras, 1987.

ORAZEM, Roberta Bacellar. Um importante modelo de santidade feminino contrarreformista: Santa Teresa D'Ávila e sua representação nas igrejas de associações de leigos carmelitas em Sergipe e Bahia colonial. **Revista Brasileira de História das Religiões**. 2011.

ORDEM CARMELITAS DESCALÇOS. Carmelo Teresiano de Portugal. **Santa Teresa de Jesus**. [s.a.]. Disponível em: [http://www.carmelitas.pt/site/santos/santos\\_ver.php?cod\\_santo=23](http://www.carmelitas.pt/site/santos/santos_ver.php?cod_santo=23). Acesso em: 10 jun. 2018.

ÓSCAR PARDO. [blog de internet] **Historia de la mano izquierda de santa teresa de Jesús "la mano viajera"**. Disponível em: <http://blogdeoscarpardodelasalud.blogspot.com/2015/03/historia-de-la-mano-izquierda-de-santa.html>. Acesso em: 10 jun. 2018.

OTTO, Rudolf. **O sagrado**. Tradução de Prócoro V. São Bernardo do Campo: Imprensa Metodista, 1985.

PADRE PAULO RICARDO. **Curso: o caminho da Perfeição**. Disponível em: <https://padrepauloricardo.org/cursos/caminho-de-perfeicao>. Acessado em: 23 fev. 2016.

PEIRUQUE, Elisabete Carvalho. Uma cantiga na noite do meu amigo. **Cadernos do IL**, Porto Alegre, v. 2, n.º 35, Dezembro de 2007. Disponível em: <http://www.seer.ufrgs.br/index.php/cadernosdoil/article/view/18760/10953>. Acessado em: 23 abril 2016.

PONDÉ, Luiz Felipe. **Crítica e profecia: a filosofia da religião em Dostoiévski**. Editora 34, 2003.

\_\_\_\_\_. **Elementos para uma teoria da consciência apofática**. Revista de Estudos da Religião 4, 2003, p. 74-92.

\_\_\_\_\_. **Amor para corajosos: reflexões proibidas para menores**. São Paulo: Planeta, 2017.

PORETE, Margarete. **O espelho: o espelho das almas simples e aniquiladas e que permanecem somente na vontade e no desejo do amor**. Petrópolis: Vozes, 2008.

PRADO, Adélia. **Oráculos de maio**. Editora Siciliano, 1999.

PROJETO HUMANARTE. **Erotismo e espiritualidade**. 2015. Disponível em: <http://2.bp.blogspot.com/-Afzz1I3aGTA/Uvn8HvyJAI/AAAAAAAAABYc/XTius4k6DL0/s1600/psyche-canova.jpg>  
Acesso em: 10 jun. 2018.

QUADRO DE MAGREITE POIRETE. Autor desconhecido, sem data. **O espelho das almas simples e nadificadas**. Disponível em: <https://nynkepassi.wordpress.com/2012/09/17/marguerite-porete-and-mechtild-of-magdeburg/>. Acesso em: 23 set. 2016.

RABELLO, Sila D. **Apostila: doutrina de santidade II**. Revisado. Outubro de 2010.

RAMOS, Solange Andrade. A religiosidade católica e a santidade do mártir. **Projeto História**, São Paulo, n. 37, p. 237-260, dez. 2008. Disponível em: [file:///C:/Users/Adolfo%20Sampaio/Downloads/3054-6820-1-SM%20\(2\).pdf](file:///C:/Users/Adolfo%20Sampaio/Downloads/3054-6820-1-SM%20(2).pdf). Acessado em: 23 mar. 2016.

REIMER, Ivoni Richter. **Para memória delas!** Textos e interpretações na (re)construção de cristianismos originários. São Paulo: Loyola. 2010.

RELÍQUIA COM O CORAÇÃO DE SANTA TERESA DE JESUS. Disponível em: <http://carmeloesperanca.blogspot.com.br/2015/02/santa-teresa-de-jesus-500-anos-de-seu.html>. Acesso em: 23 abr. 2016.

RELÍQUIAS DE SANTA TERESA. Disponível em: <http://cleofas.com.br/o-que-e-uma-reliquia-sagrada/> Acesso em: 05 jun. 2017.

REYNAUD, Elisabeth. **Teresa de Ávila ou o divino prazer**. Rio de Janeiro: Hunter House, 2001.

ROCHA, Zeferino. **Paixão, violência e solidão: o drama de Abelardo e Heloísa no contexto cultural do século XII**. Editora Universitária UFPE, 1996 1973, p. 258-259

ROUANET, Sérgio Paulo. **Teoria crítica e psicanálise**. Rio de Janeiro: Tempo Brasileiro, 1986. (Biblioteca Tempo Universitário. Vol. 66.).

RUSSEL, Ken; WHITING, John. **The Devils**. Ano Do Lançamento: 1971. Produção: Reino Unido Da Grã-Bretanha E Irlanda Do Norte. Gênero: Terror. Direção: Ken Russell. Roteiro: Ken Russell; John Whiting. Disponível em: <http://segredodastrevas.blogspot.com.br/2011/04/possessao-das-freiras-de-loundun.html>. Acesso em: 12 jul. 2017.

SCHEFFER, Ary. **Os fantasmas de Paulo e Francisca aparecem para Dante e Virgílio**. Pintura. Óleo sobre tela. 171cm x 239cm. Disponível em: [https://commons.wikimedia.org/wiki/File:1855\\_Ary\\_Scheffer\\_-](https://commons.wikimedia.org/wiki/File:1855_Ary_Scheffer_-)

The\_Ghosts\_of\_Paolo\_and\_Francesca\_Appear\_to\_Dante\_and\_Virgil.jpg?uselang=pt-br Acesso em: 10 jun. 2018.

SEMINÁRIO TEOLÓGICO NAZARENO. Piracicaba – Rio Claro: ETED, 2012.

SILVA, Valmor da. **As religiões e seus textos sagrados**. O sagrado e as construções de mundo. Goiânia: Ed. Universa, 2004.

SILVA, Edlene Oliveira. **As filhas de Eva**: religião e relações de gênero na justiça medieval portuguesa. Revista Estudos Feministas, Florianópolis, v. 19, n. 1, p. 35, jan. 2011. ISSN 1806-9584. Disponível em: <<https://periodicos.ufsc.br/index.php/ref/article/view/S0104-026X2011000100004>>. Acesso em: 10 jun. 2018.

SOUZA, Carlos Frederico de. **Chama Viva de Amor**: elementos de poética e mística em João da Cruz ("Living Flame of Love": elements of poetical and mysticism in John of the Cross) HORIZONTE. vol. 07. n. 14. p. 114.

SOUZA, [Frei Quércio Patrique de.](#) **Santo Anselmo e Abelardo**. Coleção Os Pensadores 1988. Disponível em: <http://fliphtml5.com/qmoc/ceah/basic/201-248>. Acesso em: 02 fev. 2017

TREVISAN, João, 2015. **Revista Diálogos Mediterrânicos**. Disponível em: [www.dialogosmediterraneos.com.br](http://www.dialogosmediterraneos.com.br) Número 9 – Dezembro/2015 ISSN 2237-6585 66. Acessado em: 29 jul. 2017

TROCH, Liev. Mística feminina na idade média historiografia feminista e descolonização das paisagens medievais. In.: **Anais do II Seminário de estudos medievais da Paraíba**. Sábias, guerreiras e místicas. Homenagem aos 600 anos de Joana D'Arc. 2012. Disponível em: [https://s3.amazonaws.com/academia.edu.documents/36150427/O\\_Calice\\_do\\_Diabo.pdf?AWSAccessKeyId=AKIAIWOWYYGZ2Y53UL3A&Expires=1528607685&Signature=qh0F2BGv9mh2UXG4LXtgn7hahy0%3D&response-content-disposition=inline%3B%20filename%3DO\\_Calice\\_do\\_Diabo\\_A\\_figura\\_de\\_Sata\\_nas\\_m.pdf#page=27](https://s3.amazonaws.com/academia.edu.documents/36150427/O_Calice_do_Diabo.pdf?AWSAccessKeyId=AKIAIWOWYYGZ2Y53UL3A&Expires=1528607685&Signature=qh0F2BGv9mh2UXG4LXtgn7hahy0%3D&response-content-disposition=inline%3B%20filename%3DO_Calice_do_Diabo_A_figura_de_Sata_nas_m.pdf#page=27). Acesso em: 10 jun. 2018.

VAZ, Sérgio. **Literatura, pão e poesia**. Rio de Janeiro: Global Editora e Distribuidora Ltda, 2015.

VERANO, Eduardo. **O Nascimento da Clínica**. São Paulo: Editora Fontes, 2007.

WEBER, Max. **Razão, religião e racionalidade econômica**. São Paulo: Ática, 1991.